

SUMÁRIO

ABERTURA

Jacqueline Neiva de Lima 02

Cristian José Oliveira Santos 02

PALESTRA: REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DOS BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL

Maria Tereza Machado Teles Walter 05

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Cristian José Oliveira Santos 39

DEBATES 42

ENCERRAMENTO

Cristian José Oliveira Santos 54

ABERTURA

JACQUELINE NEIVA DE LIMA

Secretária de Documentação do Superior Tribunal de Justiça

Agradeço a presença de todos e, principalmente, da Sra. Maria Tereza Machado Teles Walter, que veio nos brindar com a palestra sobre sua tese de doutorado, marcando a estréia do projeto Bibliotemas.

O objetivo deste projeto é o de abrir um canal de discussão entre os bibliotecários, as bibliotecas e o Departamento de Ciências da Informação da Universidade de Brasília (UnB) para que haja, também, a possibilidade de troca de experiências, informações e conhecimentos.

Pretendemos, a partir do próximo ano, apresentar palestras sobre vários temas uma vez a cada dois meses.

Estamos abertos a parcerias com instituições que queiram fazer parte deste projeto ou abrigar alguma palestra em seus órgãos para que possamos trabalhar em conjunto.

Passarei a palavra para o Sr. Cristian José Oliveira Santos que, na verdade, é o idealizador do projeto Bibliotemas – infelizmente, em breve, estará nos deixando –, e fará a leitura do currículo da Sra. Maria Tereza Machado Teles Walter.

CRISTIAN JOSÉ OLIVEIRA SANTOS

*Servidor do Superior Tribunal de Justiça da
Secretaria de Documentação*

Desde o momento em que pensamos no projeto Bibliotemas a intenção foi problematizar a prática das bibliotecas, porque funcionam e muito bem. Somos basicamente as bibliotecas que constituem a Rede Virtual de Bibliotecas (RVBI), com raras exceções, e os produtos e serviços informacionais disponibilizados, sejam ou não eletronicamente, são bons; entretanto, notamos que há uma espécie de ruptura entre o pensar e o fazer: alguns pensam e outros fazem. Mas é algo falacioso e perigoso.

Por que não unir aqueles que pensam, que problematizam com aqueles que fazem? A intenção do projeto Bibliotemas, como bem colocado pela Sra. Jacqueline, é exatamente a de unir aqueles que

pensam, como os que estão na Academia, no Instituto Brasileiro de Inteligência Tecnológica (Ibict) e em outras instituições de pesquisa, inclusive no Departamento de Ciência da Informação e Documentação, com os bibliotecários que atuam na área.

O grande projeto é problematizar a práxis, ou seja, torná-la complexa, porque, de fato, a biblioteca, como entidade ou instituição, é complexa por sua própria natureza, mas é importante tornar mais complexa e evidente essa complexidade.

A nossa convidada, Maria Tereza Machado Teles Walter, tratou desse assunto, que é extremamente instigante, em sua tese de doutorado e, de certa forma, abre um pouco o espaço para a discussão, porque a intenção da Secretaria de Documentação é a de, a cada dois meses, abordar aspectos peculiares e pontuais concernentes às bibliotecas, como: política e desenvolvimento de coleção; política de indexação; como se fazer um desbastamento, de forma a conhecer as técnicas adotadas no País ou no mundo; como se problematizar, por exemplo, o atendimento de um usuário no balcão. São situações que não são tão simples ou não estão tão explícitas de forma que não podem ficar apenas internalizadas, pois têm de ser, de fato, formalizadas, deixando-as explícitas, o que faz com que a biblioteca alcance, evidentemente, um **status** de entidade complexa.

A Sra. Maria Tereza Machado Teles Walter possui um vasto currículo, é graduada em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB); possui Mestrado em Ciência da Informação pela UnB e defendeu a tese de doutorado, recentemente, em junho de 2008; atuou como Bibliotecária no projeto Comutação Bibliográfica (Comut), que é fantástico, por fazer nascerem idéias simples que costumam florescer, algo dito pelo Professor Antônio Miranda, da UnB: "Comece pela simplicidade e terá muitos frutos", o que esperamos acontecer com o projeto Bibliotemas. Durante três anos, foi responsável pela coordenação de plantas de engenharia e arquitetura do Projeto da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, levada a cabo pela Engefix Engenharia. No período de 1989 a 2000, atuou na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa),

tendo participado de diversos projetos. No período de 1992 a 1996, foi Chefe do Setor de Informação da mesma unidade, que incluía as áreas de biblioteca, informática e editoração. Desde o ano de 2000, é Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal, onde atua em várias unidades no âmbito da Biblioteca. Entre 2001 e 2003, exerceu o cargo de Coordenadora da Biblioteca do Supremo Tribunal Federal (STF), quando foi designada pela Secretária de Documentação do STF para representar a administração no processo de implantação da ISO 9001/2000, que produziu frutos doces – vamos dizer assim – no processo de atendimento de necessidades de informação dos usuários daquele Tribunal. Possui experiência na gestão e tratamento da informação, atuando principalmente em bibliotecas especializadas, serviços de referência e bases de dados bibliográficos. Ao longo do curso de doutorado, publicou alguns artigos especializados, exatamente, no seu foco, que é trabalhar com o perfil e a auto-imagem.

Passo a palavra para a Sra. Maria Tereza Machado Teles Walter.

PALESTRA: REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DOS BIBLIOTECÁRIOS NO BRASIL

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Representações profissionais dos bibliotecários no Brasil

Maria Tereza Machado Teles Walter
Bibliotecária do Supremo Tribunal Federal

Brasília, 1º de dezembro de 2008.

Agradeço a presença de todos e, em primeiro lugar, gostaria de parabenizar o Superior Tribunal de Justiça por esta iniciativa. Espero que renda frutos, pois, de fato, é muito interessante que haja essa aproximação

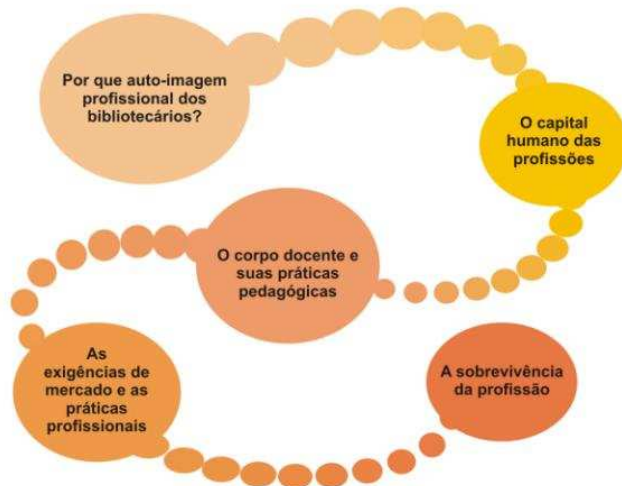
entre todos nós para que tenhamos a oportunidade de discutir o que estudamos com os demais profissionais. Agradeço, especialmente, ao Sr. Cristian, pela oportunidade que me foi dada para apresentar os dados desta pesquisa, que foi defendida no Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Sofia Galvão Baptista.

São estes os tópicos da apresentação.

- Tópicos -

- 1 Apresentação do tema
- 1.1 Uma profissão e seu contexto
- 2 Objetivos
- 3 Revisão de literatura
- 4 Competências profissionais
- 5 Pesquisa: alguns resultados
- 5.1 As representações profissionais dos bibliotecários
- 5.2 As representações profissionais dos docentes
- 6 Resultados e conclusões

1 Apresentação do tema – representações profissionais



percebemos e como exercitamos o nosso papel na condição de profissionais da informação como bibliotecários.

No entanto, quando pensamos no capital humano das profissões, ele é fundamental para que todo mundo consiga realizar as tarefas a que se propõe. Então, pode-se ter um sistema de informações extremamente bem planejado, mas poderá esbarrar exatamente na dificuldade de as pessoas aceitarem, absorverem e tentarem produzir mais. O desenvolvimento de uma profissão está intrinsecamente ligado às pessoas, portanto, é nesse sentido que foi pensada a tese.

Outro componente trazido para o estudo foram as práticas pedagógicas do corpo docente, porque estudar a auto-imagem profissional, na verdade, não é algo novo. Existe um trabalho da Professora Zita Catarina, defendido, inclusive, em um departamento de biblioteconomia da UnB sobre a auto-imagem dos profissionais bibliotecários. No momento em que pensamos de que maneira formamos a nossa imagem profissional, as práticas pedagógicas do corpo docente tornam-se uma peça muito importante nesse contexto.

As exigências do mercado e as práticas profissionais são outro componente muito importante nesse conjunto, já que as tecnologias até evidenciaram o nosso trabalho, mas não necessariamente reverteu-se em reconhecimento social, pois as demandas do mercado são mais exigentes atualmente. Precisamos dar respostas mais imediatas pelo fato de haver

Por que estudar a auto-imagem profissional, quando temos um mundo de informação tão complexo, tão cheio de necessidades e de soluções? Parece algo anacrônico pensarmos em nós mesmos, como somos, como nos

usuários mais exigentes, que conhecem mais porque têm mais acesso à informação e, portanto, requerem mais das nossas capacidades e competências.

Ao falamos em sobrevivência da profissão, não estamos dizendo que serão fechadas as bibliotecas, que virarão museu, não se trata disso. Não sou especialista em traçar cenários futuros, mas o fato é que não estamos simplesmente falando, por exemplo, como as bibliotecas serão mantidas, mas estamos pensando como serão mantidos os profissionais que trabalham com informação, que é o aspecto que entendo como relevante.

Quando se faz um orçamento e é cortado, quando existe um espaço físico que precisa ser aumentado e não se consegue, quando os profissionais se aposentam e não são recolocados, estamos falando de sobrevivência.

No momento em que pensamos nesse conjunto de fatores, é importante percebermos como os bibliotecários se colocam, como atuam e como respondem às demandas da sociedade.

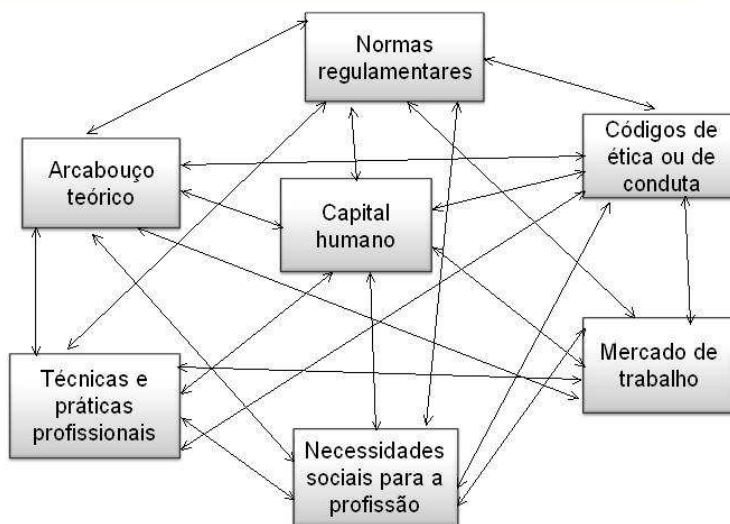
Uma profissão e seu contexto.

Alguns autores consideram que a profissão possui um arcabouço teórico, normas regulamentares, códigos de ética ou de conduta, existe um mercado de trabalho que a absorve, necessidades

sociais para a profissão, técnicas e práticas profissionais, e, não por acaso, coloquei o capital humano no centro de todos esses fatores.

Todos esses fatores estão interagindo e o profissional tem influência sobre todos eles. As necessidades sociais para a profissão

1.1 Uma profissão e seu contexto



mudam as práticas e as técnicas profissionais, e precisamos estar atentos para essas mudanças.

2 Objetivos

■ Geral

- Verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, constroem a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa imagem são positivos.

■ Específicos

- Verificar como os bibliotecários e o corpo docente dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação definem o que é o bibliotecário e o seu mercado de trabalho e que elementos se destacam nessa definição.
- Identificar quais competências os bibliotecários e o corpo docente destacam sobre a profissão bibliotecária e para o profissional contemporâneo.

imagem são positivos.

É importante frisar, e não estou falando de auto-estima, pois muitas pessoas confundem auto-imagem com auto-estima, que possui outro significado e não foi objeto da minha tese, pois trabalhei com a auto-imagem.

De forma resumida, são objetivos específicos:

✓ verificar como o bibliotecário define o seu mercado de trabalho;

✓ identificar as competências que os bibliotecários e o corpo docente destacam sobre a profissão de bibliotecário para o profissional contemporâneo;

✓ examinar quais as condutas (morais e éticas) apontadas, tanto pelos bibliotecários como pelo corpo docente, como essenciais na vida

2 Objetivos (cont.)

■ Específicos (cont.)

- Examinar quais as condutas (morais e éticas) apontadas pelos bibliotecários e o corpo docente como essenciais na vida profissional do bibliotecário.
- Verificar, entre as práticas da profissão, quais são as mais destacadas pelos bibliotecários, corpo docente e pela literatura técnica.
- Identificar quais os valores e as crenças sobre os bibliotecários que os docentes transmitem aos alunos através da prática pedagógica e das disciplinas ministradas nos cursos para bibliotecários.

A tese que defendi tem como objetivo geral: verificar de que forma os bibliotecários e o corpo docente, no Brasil, constroem a imagem profissional do bibliotecário e se os fatores que representam essa

profissional do bibliotecário;

✓ verificar quais as práticas que são mais destacadas pelos bibliotecários e o corpo docente – existe uma luta histórica, pois sou de uma geração que quem gostava de processamento bibliográfico era duramente criticado por ser retrógrado, reacionário, como se a organização de informação não fosse importante para o nosso trabalho;

✓ identificar os valores e as crenças que os docentes transmitem aos alunos por meio da prática pedagógica.

3 Revisão de literatura

■ Imagem e Auto-imagem profissional

- Identidade
- Estereótipos
- Valores ocupacionais

■ Formação profissional

- Profissão, trabalho e emprego
- Competência profissional
- Formação profissional dos bibliotecários

■ Biblioteconomia no Brasil

- Normas regulamentares da Biblioteconomia no Brasil
 - Ética profissional
- Organizações representativas da classe bibliotecária

■ Representações sociais

identidade, estereótipos e valores ocupacionais.

✓ Formação profissional, ressaltando a profissão, o trabalho e o emprego. Poucos param para pensar sobre isso.

Falamos um pouco sobre profissão. Quanto ao trabalho e emprego, a relação de emprego necessariamente implica em uma relação de troca financeira. O trabalho pode ser prazeroso ou não e pode embutir a relação de troca. É importante termos essa percepção, porque posso ter uma relação burocrática de emprego e meu comportamento e minha atitude podem refletir na relação com o trabalho que realizo; ou posso ter uma relação de trabalho em que a minha capacidade e as minhas competências serão executadas de tal forma que contribuirão para o desenvolvimento, tanto da unidade de informação para a qual empresto a minha força de trabalho quanto para o desenvolvimento da profissão em si.

A revisão de literatura constou dos itens:

✓ Imagem e auto-imagem profissional, que foi o primeiro grande tópico, e, a partir dele, emergiram outros temas, como

✓ Biblioteconomia no Brasil, em que existem normas regulamentares como a de ética profissional, e organizações representativas da classe bibliotecária.

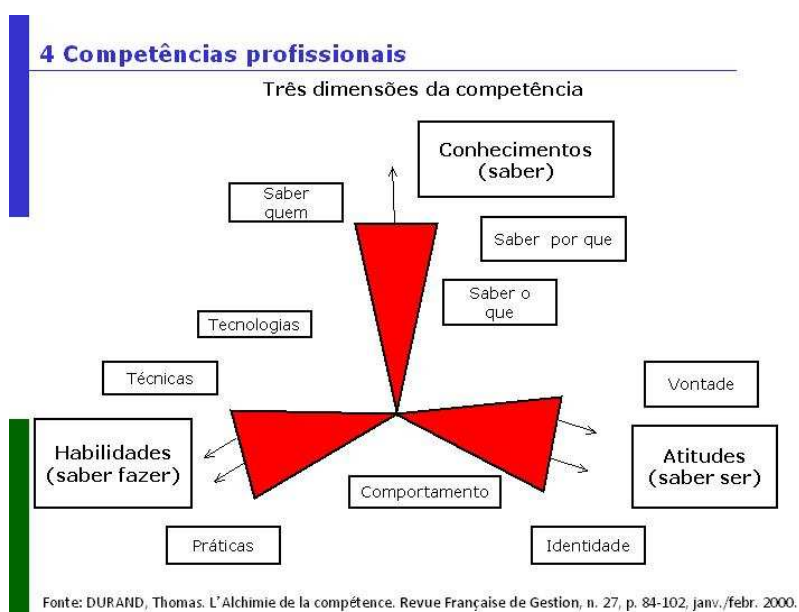
Não sei se alguém dos presentes participa de lista de discussão, mas, recentemente, houve uma enorme discussão sobre a questão dos conselhos, associações e outros órgãos que são sempre duramente criticados. É importante saber, já que também fazem parte do mundo que forma os bibliotecários, de que maneira influenciam a construção da nossa imagem profissional.

✓ Representações sociais fazem parte da teoria que utilizei para embasar o meu estudo, teoria que algumas pessoas a associam a senso comum, mas, na verdade, é a expressão que as pessoas fazem de determinados fenômenos. Por exemplo, qual o fenômeno que estava estudando? Imagem e auto-imagem profissional. Como o foco da minha pesquisa era os bibliotecários, queria saber qual a expressão sobre a profissão: seu mercado, seus valores, seus códigos de ética, o outro, a profissão, a formação que tiveram.

Essa teoria foi a que embasou o meu estudo sobre a perspectiva de Serge Moscovici, que foi o seu idealizador.

Competências profissionais.

Apresento este gráfico porque gosto muito desse desenho elaborado por do Thomas Durand, que traz as três dimensões da competência: conhecimentos, habilidades e atitudes.



O conhecimento envolve o saber, que engloba: saber quem, saber o quê, saber por quê. As habilidades, que é o saber fazer, comportam as

tecnologias, técnicas e práticas profissionais. A dimensão atitude envolve o saber ser, que engloba a vontade, o comportamento e a identidade.

Foi realizado um estudo pela Professora Suzana Miller sobre as três disciplinas consideradas como as três irmãs da Ciência da Informação: Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. Ao estudar a esse respeito – muitos discursos dos bibliotecários que participaram da pesquisa que realizei foram neste sentido –, verifiquei que os currículos são bons e as propostas de atuação são boas, mas falta desenvolver a atitude, que é algo complexo.

Como se ensina alguém ter atitude? Uma professora entrevista prestou o seguinte depoimento: “Não ensinamos atitude, a vivenciamos nas mínimas e menores situações”. Relatou que quando um aluno vai apresentar um trabalho ela o orienta para que não utilizar chinelo, não mascar chiclete, não fazer gracinhas e não usar bermuda, devendo comportar-se como se estivesse à frente de uma platéia para fazer uma apresentação, pois é um profissional.

Segundo a professora, procura tratar o aluno, desde seu ingresso no curso, como se fosse um bibliotecário. Com isso, muda o enfoque, porque, geralmente, temos uma relação hierárquica com os professores, que estão em cima e os alunos embaixo, o que ela não concorda pelo fato de todos serem profissionais. Essa é uma forma de agir. Não sei se existem receitas, mas é um caso a ser estudado; porém, o fato é que o componente atitude parece ser ainda o mais frágil dentro do mundo da dimensão das competências.

Grupo de competências para modernos profissionais da informação conforme Guimarães (1998):

- | | |
|---|---|
| - Flexibilidade. | - Visão política na área de informação. |
| - Visão gerencial. | - Uso da informação para vantagem competitiva. |
| - Coragem para enfrentar os riscos, pois sua iminência é cada vez maior em tempos de competitividade. | - Uso da informação para o desenvolvimento social e humano. |
| - Criatividade. | - Treinamento em recursos informacionais. |
| - Liderança. | - Espírito investigativo. |
| - Dinamismo. | - Ação investigativa. |
| - Responsabilidade. | - Compromisso com a abertura de novos mercados de trabalho |
| - Visão interdisciplinar. | - Objetividade e crítica: clareza, precisão e concisão. |
| - Atuação interdisciplinar. | - Agilidade mental. |
| - Profissionalismo. | - Motivação interna para desfrutar do trabalho como recompensa pessoal. |
| - Ética. | - Habilidade para a solução de problemas. |
| - Conhecimentos sobre organização do conhecimento. | - Capacidade de análise. |

O Professor José Augusto Chaves Guimarães, da Universidade Federal Paulista (Unesp), em 1998, publicou um artigo sobre o moderno profissional da informação. Trago

essa informação, porque, em geral, ao se ler algum texto sobre os bibliotecários – e foi algo que reforçou ainda mais a minha necessidade de entender o porquê de sermos tão pouco respeitados como profissionais –, as pessoas associam, às vezes, as bases bibliográficas ao pessoal da Tecnologia da Informação (TI), e não aos bibliotecários. No dizer do Professor, essas são algumas das características do moderno profissional da informação. Pergunto: em que esses fatores destoam do que os bibliotecários deveriam possuir?

Na verdade, desde o momento em que passamos a refletir e a ler sobre os bibliotecários, em geral, a literatura é comparativa como se houvesse uma hierarquia nas profissões. Dessa forma, os bibliotecários encontram-se no degrau de baixo e os modernos profissionais da informação no degrau de cima, como se não tivéssemos a capacidade de ascender. Por que parecemos não dispor dessa capacidade? Trata-se de outra questão que me levou à curiosidade de conhecer o pensamento e a fala dos profissionais.

Sobre a pesquisa propriamente dita – não tratarei da metodologia – o instrumento de coleta de dados utilizado para os bibliotecários foi o questionário, que foi enviado via correio. Foram elaboradas questões abertas e fechadas.

5 Pesquisa: alguns resultados

5.1 As representações profissionais dos bibliotecários

■ Instrumentos de coleta de dados

- questionários: questões fechadas e questões abertas

■ Tratamento dos dados

- SPSS – dados quantitativos

➤ Tratamento estatístico:

- ✓ dimensões do questionário: bibliotecários, Biblioteconomia, mercado de trabalho e TI, formação profissional

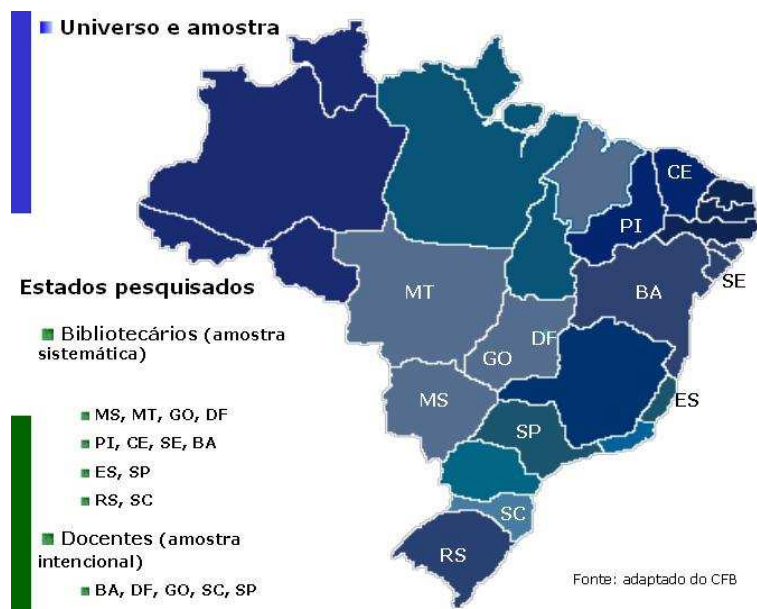
- ✓ indicadores

- qualitativos: análise de conteúdo (Bardin)

Para realizar o tratamento dos dados utilizei o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), que, apesar de ser bastante antigo, atualmente, possui mais recursos e é de fácil utilização.

O questionário foi dividido em quatro grandes dimensões: bibliotecários, Biblioteconomia, mercado de trabalho e Tecnologia da

Informação, e formação profissional. Foi realizado um tratamento estatístico, criado indicadores, que eram cruzados com variáveis para identificar a visão mais positiva ou mais negativa. Evidentemente, tive a assessoria de um estatístico. Quanto aos dados qualitativos, nas questões abertas utilizei a análise de conteúdo pelo método Laurence Bardin.



A idéia original que tracei era a de trabalhar com todas as regiões do País. Analisaria dois estados por região para tentar identificar, inclusive, se haveria diferença de visão e de percepção de imagem nas diferentes regiões do

País. Infelizmente, não obtive acesso aos dados do Conselho Regional de Biblioteconomia (CRBs) da Região Norte, de forma que o universo da minha pesquisa restringiu-se aos estados constantes do mapa. Fiz uma amostra sistemática, portanto, não se trata de uma amostra probabilística, visto que os dados da pesquisa são apenas indicadores e não são extrapoláveis.

Quanto aos docentes, a amostra foi intencional de um professor de cada um dos estados que estão relacionados no mapa.

Enviei aproximadamente 4 mil questionários, dos quais 488 foram respondidos, com um retorno de 12%.

Em relação ao sexo, observou-se que 88% eram do sexo

- Bibliotecários (Caracterização da população):

- 488 respondentes (3.973, retorno de 12,31%)

> sexo (484 resp.): 426 feminino (88%) e 58 masculino (12%)

"Historicamente, a biblioteconomia apresenta um perfil predominantemente feminino, contribuindo, assim para emperrar o desenvolvimento da profissão [...]" (CARVALHO, 2007)

> estado civil (482 resp.): 332 casados (69%) 150 solteiros (31%)

> idade (478 resp.): maior concentração na faixa de 40 a 49 anos (33,3%)

> maior formação profissional (486 resp.):

✓ bacharelado: 213 (43,8%)

✓ especialização: 220 (45,3%)

✓ mestrado: 46 (9,5%)

✓ doutorado: 7 (1,4%)

feminino e 12% do masculino, que é uma característica da profissão. Comenta-se que se trata de uma profissão em que a maioria dos profissionais é do sexo feminino. De fato, somos e não apenas é uma afirmação minha, mas tem como base os resultados da pesquisa, porque não necessariamente a proporção reflete-se para toda a população de bibliotecários. Ao observar os cadastros que recebi, pode-se verificar, excluindo, por exemplo, os nomes que podem ser utilizados tanto para mulheres quanto para homens, que, mesmo assim, a população é predominantemente feminina.

Ainda assim, Carvalho, 2007, coloca este comentário em seu artigo: "Historicamente, a biblioteconomia apresenta um perfil predominantemente feminino, **contribuindo assim para emperrar o desenvolvimento da profissão**" (grifo meu).

Ao longo dos textos são verificadas algumas características relacionadas à profissão, o que nos leva a pensar e perceber que é duro, em certo sentido, ser mulher, velha e bibliotecária. Então, os textos criticam muitíssimo e dizem, por exemplo, que sempre a culpa é do patrão, assim como há aquela história de que a culpa é da mãe, mas, no caso da Biblioteconomia, a culpa é das mulheres velhas e de óculos, que geralmente são solteironas e, enfim, muito azedas.

Outro item que permeia o imaginário das pessoas é o estado civil: além de serem mulheres, velhas, usarem óculos e coque, são solteironas. Na pesquisa que realizei, foi verificado que a maioria dos profissionais é casada e, dos solteiros, cruzando os dados com a idade, a maioria é formada por jovens, o que é compatível, embora ser solteiro ou não, a meu ver, não é nenhum demérito para ninguém.

Quanto à idade, a maior concentração dos respondentes da pesquisa ficou na faixa dos 40 aos 49 anos. Destaco esse ponto, porque algumas questões colocadas têm relação com a geração.

Em relação à maior formação profissional, embora tenha tido 488 respondentes não necessariamente todos responderam tudo, há diferenças de dados, fiz o agrupamento dos dados. Evidentemente, todos

os pesquisados têm bacharelado, mas, para aqueles que responderam terem mestrado e doutorado, considere só o doutorado.

Percebe-se que houve um corte: 50% dos entrevistados possuem curso de pós-graduação, seja **lato sensu** ou **stricto sensu**, e 50% não continuaram os estudos. Foi observado que, do grupo que continuou os estudos, a maior parte optou pela especialização, pois é um curso que possui uma maior capilaridade. Mestrado e doutorado são cursos mais vinculados às universidades que, em geral, existe em todas as capitais, com algumas exceções, como é o caso de São Paulo, e há uma exigência muito maior de deslocamento, de esforço individual, por isso, imagino, embora não tenha sido estudado e não tenha dados a respeito, que a opção pela especialização tenha relação com a possibilidade de cursá-los.

Bibliotecários (Caracterização da população):

➤ Forma de conhecimento do curso:

✓ contato com bibliotecários: 24,1%

✓ outros: 37,6% (experiência em ambientes de informação, 22,33%)

❖ Quando pela primeira vez aos 13 anos entrei em uma biblioteca (do SESI) senti algo estranho e prazeroso e disse a mim mesma: "é com isso que quero trabalhar". (Bibliotecário 407, 53, fem., 1978)

❖ Jamais pensei em fazer faculdade, mas surgiu nas minhas mãos um fluxo de matérias do curso e me encantei. (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

❖ Fui descobrir no primeiro dia de aula, nem sabia que para ser bibliotecário era exigido curso superior. (Bibliotecário 333, 26, masc., 2006)

❖ Não consegui pagar a faculdade de jornalismo e tive que parar. Daí, resolvi fazer o vestibular para biblioteconomia que dava para passar sem nem abrir o livro. (Bibliotecário 441, 34, masc., 2002)

A forma de conhecimento do curso se dá pelo contato com outros bibliotecários anteriormente à escolha do curso, que foi a forma mais indicada pelo fato de haver bibliotecários na família ou entre amigos da família, o

que significa que a imagem dos bibliotecários para aquelas pessoas foi positiva o suficiente para que seguissem a mesma carreira.

Na pesquisa, existia o item outros, no qual pedia para a pessoa explicar outra forma de escolha do curso, e a experiência em ambientes de informação foi a mais indicada.

Alguns depoimentos foram bastante positivos, como o primeiro apresentado: "Quando pela primeira vez aos 13 anos entrei em uma biblioteca senti algo estranho e prazeroso e disse a mim mesma: 'é com isso que quero trabalhar'".

Em compensação, o terceiro depoimento diz: “Fui descobrir no primeiro dia de aula, nem sabia que para ser bibliotecário era exigido curso superior”.

Algo interessante a ser observado na tese é que, ao lado do depoimento, pode-se verificar o número de identificação da entrada do pesquisado no SPSS, a idade, o sexo e o ano de formatura (Bibliotecário 441, 34, masc., 2002).

Outro fato interessante da pesquisa foi o diálogo com as pessoas, pelo motivo de terem sido muito honestas, o que pode ser visto por meio de alguns depoimentos. Algumas escreveram de forma a parecer haver um diálogo comigo: “Veja, é muito difícil ser bibliotecária, olha que absurdo, ganho menos do que R\$ 450,00 (quatrocentos e cinquenta reais)”. Então, há bibliotecários no País que ganham menos do que R\$ 450,00. Vale lembrar que fiz constar dados de abril a novembro de 2007. A realidade salarial, inclusive por região, é profundamente diferente para os bibliotecários.

Quanto à motivação na escolha da carreira, escutamos frequentemente que as pessoas fazem Biblioteconomia porque não sabem realmente o que querem fazer, porque consideram fácil passar no vestibular e concluir o curso.

Bibliotecários (Caracterização da população)

Tabela 5 – Motivação na escolha da carreira

Motivação na escolha da carreira	Respostas		
	Nº de pessoas	Percent.	Percent. de casos
Oportunidade de emprego	147	15,2%	30,6%
Menor concorrência no vestibular	105	10,9%	21,8%
Curso mais fácil de concluir	30	3,1%	6,2%
Incentivo da família	48	5,0%	10,0%
Falta de opção	16	1,7%	3,3%
Gosto pela leitura	214	22,2%	44,5%
Gosto pela pesquisa	182	18,9%	37,8%
Possibilidade de lidar com o público	116	12,0%	24,1%
Inexistência de outros cursos em minha cidade	4	,4%	,8%
Outras motivações	102	10,6%	21,2%
Total	964	100,0%	200,4%

- **Bibliotecários** (Caracterização da população):

➤ **Tipo de unidade de informação (429 resp.)**

- ✓ Biblioteca universitária: 155 (36,1%)
- ✓ Biblioteca especializada: 121 (28,2%)
- ✓ Arquivo (8-1,9%) e autônomos (11-12,6%): menores ocorrências

➤ **Vinculação institucional: 85,8% atuam na esfera pública**

➤ **Atividades:**

- ✓ Catalogação/Classificação: 277 (56,8%)
- ✓ Referência/Pesquisa: 276 (56,6%)
- ✓ Outras: 114 (23,36%) – atendimento e capacitação de usuários

➤ **Nº de bibliotecários: 36% => apenas 1 e mais de 3**

➤ **Nº de usuários: 75% atendem até 2.500**

O tipo de unidade de informação é composto por bibliotecas universitária e especializada, que foram as mais indicadas pelos bibliotecários que responderam o questionário; e os que

possuem menor porcentagem estão relacionados aos arquivos e autônomos, que são as menores ocorrências.

Observamos, pelas perguntas feitas e pelas respostas que recebemos, que, embora existisse um discurso de que há um mercado de trabalho muito bom e que podemos atuar em várias frentes, a nossa profissão ainda está fortemente ancorada no ambiente da biblioteca.

A vinculação institucional representa 85,8% de atuação na esfera pública, mas vale lembrar que se refere aos dados da pesquisa. Em relação às atividades, as pessoas podiam indicar uma, duas, todas ou indicar outras além das especificadas. As mais indicadas foram: catalogação e classificação, que simplificamos como organização da informação; referência e pesquisa, ambas atingiram o mesmo percentual; e o item outras faz referência a todas as outras atividades indicadas, em que a maior ocorrência deu-se quanto ao atendimento e a capacitação de usuários. Pessoalmente, mesmo que considere estar dentro da referência, eventualmente os bibliotecários que responderam ao questionário, acharam por bem enfatizar o atendimento e a capacitação dos usuários.

O número de bibliotecários é outra recorrente de discussão, pois consideram que fazem muitas atividades e não dão conta de tudo por estarem sós. Verificamos que havia, igualmente, a indicação: apenas 1 e mais de 3, com o mesmo percentual de 36% desse universo.

Um professor entrevistado fez a seguinte afirmação: “Na minha percepção, existe no Brasil dois tipos de bibliotecas: bibliotecas muito pequenas, sem a menor infra-estrutura, com um bibliotecário, um estagiário e seja o que Deus quiser; e bibliotecas muito grandes com boa infra-estrutura, o que refletiu nessas respostas”.

O número de usuários representa um percentual de 75% que atendem até 2 mil e 500 usuários. Não foi controlado se é um usuário potencial, real, se foi por mês ou por ano. De todo o modo, os números eram impressionantes, pois a maioria respondeu que atendem 11 mil, 15 mil, 3 mil, 4 mil usuários, e pouquíssimas foram as respostas de quem atende 50 usuários, ninguém atende poucos usuários. Portanto, mesmo que tenhamos uma biblioteca com boa infra-estrutura, são muitos os usuários a serem atendidos, independente de ser ou não por ano.

A faixa salarial, de acordo com os dados da pesquisa, apresenta uma diferença, como, por exemplo, em relação à pesquisa do Professor Emir Suaiden realizada na década de 80, que, naquela época, os bibliotecários de bibliotecas públicas, segundo a pesquisa que realizou recebiam, mais ou menos, a mesma remuneração dos bibliotecários de bibliotecas especializadas ou de centros de documentação universitários, o que não corresponde com as respostas obtidas na minha pesquisa.

Bibliotecários (Caracterização da população):

Tabela 7 – Faixa salarial x unidade de informação

Faixa Salarial	Tipo de unidade de informação							Total
	Bibl. escolar	Bibl. pública	Bibl. universitária	Bibl. especializada	Centro de documentação	Arquivo	Autônomo	
Até R\$1.500,00	32 47,8%	24 64,9%	34 22,5%	15 12,7%	2 7,7%	3 37,5%	4 36,4%	114 27,3%
R\$1.500,00 a R\$3.000,00	28 41,8%	8 21,6%	68 45,7%	31 26,3%	7 26,9%	1 12,5%	5 45,5%	149 35,6%
R\$3.001,00 a R\$5.000,00	7 10,4%	3 8,1%	31 20,5%	27 22,9%	8 30,8%	2 25%	2 18,2%	80 19,1%
R\$5.001,00 a R\$7.000,00	0 0%	2 5,4%	12 7,9%	21 17,8%	3 11,5%	1 12,5%	0 0%	39 9,3%
Acima de R\$7.001,00	0 0%	0 0%	5 3,3%	24 20,3%	6 23,1%	1 12,5%	0 0%	36 8,6%
Total	67 100%	37 100%	151 100%	118 100%	26 100%	8 100%	11 100%	418 100%

No gráfico apresentado, observamos que as bibliotecas públicas e escolares estão nas menores faixas, pois o pessoal recebe salários de até R\$ 3.000,00 (três mil reais), ninguém recebe acima de R\$ 7.000,00 (sete mil reais), enquanto que, nas bibliotecas universitárias especializadas, os bibliotecários têm uma faixa salarial mais elevada.

Em Brasília, não vejo ninguém se esforçando para fazer um concurso para a Biblioteca Demonstrativa de Brasília, enquanto que muitos ficam desesperados para trabalhar em outros órgãos, porque, de fato, é algo que reflete na realidade. Em Brasília, por exemplo, em muitas das bibliotecas escolares não existem bibliotecários. Aliás, louvável é o trabalho da Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), que está tentando trazer esse tema à discussão.

Testes estatísticos

- Dimensão Bibliotecários:

Tabela 12 – Indicador Bibliotecário e salário

Faixa salarial	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Até 1500,00	86	2,6150	
Acima de 7001,00	28	2,6706	2,6706
3001,00 a 5000,00	72	2,7068	2,7068
1501,00 a 3000,00	114	2,7349	2,7349
5001,00 a 7000,00	31		2,8530
Sig.		,365	,066

Foram feitos testes estatísticos e fiz a comparação do indicador bibliotecário e salário, que foi escolhido por meio de um teste chamado Alpha de Cronbach, que reúne variáveis que medem o mesmo constructo, medida

estatística que vai de 0 a 1, sendo 1 a maior confiabilidade.

Excluimos de um determinado conjunto de variáveis aquelas que não medem exatamente o que se queira. Ao criar esse indicador, são realizados testes de análise de variância, uma comparação entre médias estatísticas, fazendo a separação nas colunas 1 e 2, o que significa que quem está no item 1 possui uma média estatisticamente menor, ou seja, uma visão mais negativa. No indicador bibliotecário, cruzando com a informação de salário, quem recebe até R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais) tem uma visão mais negativa do que aqueles que ganham entre R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e R\$ 7.000,00 (sete mil reais).

Embora salário não seja fator de motivação, ninguém é ingênuo, pois escolhemos uma profissão para responder às nossas necessidades, sejam pessoais ou profissionais, que são legítimas, como é legítimo querer receber um ótimo salário. Essa visão é um reflexo da realidade,

especialmente num mundo como o nosso, que é extremamente caro de se viver.

Relembro que o questionário que elaborei foi composto por quatro partes: bibliotecários, Biblioteconomia, mercado de trabalho e Tecnologia da Informação, e formação profissional.

Em relação ao indicador Biblioteconomia e número de bibliotecários, não farei nenhuma inferência sobre esse item, porque não há estudo que trate sobre a questão de visão da profissão em relação ao número de bibliotecários com os quais se atua.

Testes estatísticos

- Dimensão Biblioteconomia:

Tabela 13 – Indicador Biblioteconomia e nº de bibliotecários

Número de bibliotecários na organização	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
2 a 3 bibliotecários	112	2,6942	
1 Bibliotecário	149	2,7131	2,7131
Mais de 3 bibliotecários	154		2,8328
Sig.		,760	,053

Quem trabalha com 2 a 3 bibliotecários, a faixa encontrada era 1, de 2 a 3, e mais de 3. Quem trabalha com 2 a 3 bibliotecários tem uma visão mais negativa do que quem trabalha com mais bibliotecários. Algo a mais que venha a falar será especulação ou uma opinião particular, e gostaria de apresentar apenas o que foi falado pelos bibliotecários.

Testes estatísticos

- Dimensão Mercado de Trabalho:

Tabela 15 – Indicador Mercado e formação acadêmica

Maior formação acadêmica	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05	
		1	2
Bacharel	118	2,7274	
Especialização	131	2,9122	
Mestrado	14	3,1667	3,1667
Doutorado	3		3,5000
Sig.		,102	,120

No indicador mercado de trabalho relacionado à formação acadêmica, aqueles que se encontram no item bacharelado e aqueles que têm especialização possuem uma visão mais negativa do que

aqueles que têm doutorado. Nesse caso, a literatura corrobora com esse

tipo de opinião, porque, ao cruzarmos os dados da pesquisa com outros, verificamos que o pessoal de doutorado detém os maiores salários, pelo menos dos que responderam à pesquisa, estão em postos de chefia e, provavelmente, têm uma liberdade de atuação e de trabalho que dificilmente alguém que não continuou seus estudos terá.

Na dimensão formação profissional, observa-se uma separação bastante clara. No momento em que a pessoa avaliou o próprio curso como péssimo, mostrou sua visão mais negativa; no momento em que o avaliou como ótimo mostrou sua visão mais positiva.

Testes estatísticos

- Dimensão Formação Profissional:

Tabela 23 – Indicador Formação e avaliação do curso

Avaliação do curso	Nº de casos	Subconj. para alfa = .05			
		1	2	3	4
Péssimo	3	1,9333			
Ruim	5		2,3200		
Regular	88		2,6500	2,6500	
Bom	250			2,8984	
Ótimo	103				3,3068
Sig.		1,000	,081	,188	1,000

Existe uma zona híbrida em que, estatisticamente, não conseguimos diferenciar se quem achou ruim ou regular o próprio curso estava mais para baixo ou mais para frente, mas trata-se de uma indicação clara de como a formação profissional tem impacto sobre a forma de ver a profissão.

Quadro 14 – Relação entre as dimensões e as variáveis

Dimensão	Variável
Bibliotecários	Ano de formatura Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Nº de usuários Salário
Biblioteconomia	Nº de bibliotecários Vinculação da unidade de informação
Mercado de Trabalho	Avaliação do curso Tipo de unidade de informação Salário Formação acadêmica Função
Formação Profissional	Idade Ano de ingresso Ano de formatura Avaliação do curso Nº de usuários

Entre as variáveis estudadas e as dimensões medidas, o quadro apresenta quem teve impacto, ou seja, quem mostrou associação de visão mais positiva ou negativa em relação a cada uma dessas

dimensões – destaquei a avaliação do curso, que aparece três vezes, pelo

fato de ter sido chamada a atenção pela Professora Suzana, que fez parte da banca. Então, é muito importante o curso que fizemos, a forma como fizemos e como recebemos aquilo a que fomos treinados para sermos bibliotecários.

Além dos testes estatísticos, veremos a parte quantitativa propriamente dita.

Questionei sobre a percepção: se os bibliotecários são valorizados como profissionais da informação? Como resposta, foi

- Dimensões

➤ Bibliotecários (dados quantitativos): Parte A (1 a 11)

- ✓ percepção de valorização profissional: 10,3% (entre + e -. Maior grupo discorda)
- ✓ percepção de segurança nas bibliotecas: 86,9% discordam
- ✓ necessidade de aprendizado contínuo: 98,3% concordam
- ✓ percepção de acomodação dos pares: 83% concordam
- ✓ percepção de resistência a mudanças: 69,5% concordam
- ✓ desejo de mudar de profissão: 84,1% discordam
- ✓ orgulho de ser bibliotecário: 83% concordam
- ✓ aconselhariam outros a seguirem a carreira: 87,5% concordam

apresentada uma diferença de 10,3% entre aqueles que responderam sim, que têm uma visão positiva, que se sentem valorizados, e os que responderam não, mas há uma discordância da maior parte do grupo, ou seja, não percebem que o bibliotecário é valorizado como profissional da informação.

No que se refere ao item relacionado à percepção de segurança das bibliotecas, há uma lei que diz que, nas bibliotecas, só podem trabalhar bibliotecários, o que é uma falácia – já foi discutido esse assunto. Caso se queira trocar um bibliotecário, é simples, muda-se o nome para setor de informação.

A Embrapa, há alguns anos, trocou o nome biblioteca e acabou a reserva de mercado. Mas os bibliotecários têm essa consciência, pois 86% discordam ter uma percepção de segurança porque estão nas bibliotecas.

Questionei também se a Biblioteconomia exige necessidade de aprendizado contínuo, com o que 98% concordaram, e desses quase a metade não continuou os estudos, mas a outra metade deu continuidade.

A percepção relacionada à acomodação dos pares levou-me a verificar que os bibliotecários têm uma tendência à acomodação, com o que 83% concorda, ou seja, percebe "A" como acomodado, e "A" da mesma forma percebe "B", "C" e "D". Se formos examinar dessa maneira, teremos uma visão de que nós bibliotecários somos acomodados.

Quanto à percepção de resistência a mudanças, 69,5% consideram que os bibliotecários são resistentes às mudanças, mas ao mesmo tempo em que foi perguntado se havia desejo de mudar de profissão, 84% discordam; se têm orgulho de ser bibliotecário, 83% responderam que sim; se aconselhariam outras pessoas a seguir a carreira, 87% responderam que sim. Então, a despeito de termos uma visão negativa do outro colega, temos, ainda assim, uma visão positiva da própria pessoa e de si mesmo.

- Dimensões

➤ Bibliotecários (dados qualitativos): 3 perguntas abertas

- ✓ 1. Estereótipos
- ✓ 2. Competências
- ✓ 3. Reconhecimento social

-Reconhecem estereótipos
-> positivos e negativos
-> comportamentais e físicos
-> associam aos mais velhos
-Desconhecimento da profissão
-Discurso reforça preconceitos.

-Associam ao atendimento de usuários
- lista de atributos e qualidades requeridas
-> agilidade mental
-> habilidade p/ pesquisar
-> curiosidade
-> sensibilidade.
- TI

-Maior parte não considera o bibliotecário reconhecido socialmente.
-> desconhecimento da profissão
-> desvalorizado
-> críticas aos demais

Na parte relacionado aos dados qualitativos formulei três perguntas abertas e tive um retorno de, mais ou menos, 96%, ou seja, a maioria respondeu, apesar de sabermos que, em geral, as pessoas têm certa resistência para

escrever. Tive acesso a mais de 3 mil respostas, o que foi bastante interessante.

A pergunta foi formulada da seguinte forma: Percebem que há estereótipos associados à profissão que correspondem à realidade? Os bibliotecários participantes da pesquisa responderam que sim, mas quando lêem sobre estereótipos não necessariamente precisam ser negativos, pois temos embutido um conceito de que estereótipo está ligado a uma associação negativa, mas não necessariamente, pois podemos ter estereótipos positivos.

Estou formada há 26 anos e, em todo evento que participo sobre o dia do bibliotecário, todos iniciam com a mesma frase: consideram que o bibliotecário deve ser comparado com aquela mulher velha e de óculos... É um reforço muito forte da imagem e feito por nós mesmos; porém, os estereótipos foram associados a comportamentos positivos: disposição de ajudar, democratizar o acesso à informação. Então, existem associações negativas e positivas.

Alguns associam os bibliotecários a pessoas mais velhas, como citei anteriormente, que, para exercer a profissão, no meu caso, que sou mais velha, deveria ficar de joelhos e pedir perdão por existir, porque sou mulher e velha, então, a culpa é minha, o que foi muito reforçado pelos discursos dos bibliotecários, que disseram, antigamente, as bibliotecárias eram velhas, emperravam o trabalho e não se aposentavam nunca. O discurso reforça os preconceitos e o associam muito ao estereótipo de desconhecimento da profissão.

Ao tratar das competências, foi perguntado quais seriam importantes para que os bibliotecários fossem reconhecidos como modernos profissionais da informação, o que foi muito associado ao atendimento aos

Estereótipos, Competências - depoimentos

- Não percebo alusão a estereótipos físicos. Comportamentais, talvez pela solicitude. Em geral percebo que a maioria das pessoas tem a idealização de um bibliotecário culto, com conhecimentos gerais acima da média. Em relação aos profissionais que auxiliam o bibliotecário, sinto que as administrações ainda têm a idéia de que a biblioteca é depositária de profissionais problemáticos que em geral já causaram problemas em outros setores. (Bibliotecário 437, 34, masc., 1995)

-A imagem que persiste, ainda, é de uma mulher com óculos, vestida de forma austera e muito disciplinada. No que se refere às atividades, a imagem é de um profissional que toma conta de livros, faz as fichas de catalogação e empresta os livros. Uma parte dos profissionais bibliotecários já mudaram essa imagem porque trabalham em instituições que promovem a mudança, e exigem isso, muitas vezes provocada pela inclusão de novas tecnologias. Outros profissionais, por estarem distante de situações novas, com novas idéias, novos recursos, não percebem as mudanças ou quando percebem não estão motivados para isso. (Bibliotecário 430, 51, fem., 1978)

- O bibliotecário antes de qualquer outra coisa precisa saber localizar, recuperar, tratar, disponibilizar e disseminar a informação independente do suporte e do usuário. Ele precisa saber o que é a Biblioteconomia, porque e para que ela existe, porque ele "é" bibliotecário, porque alguém vai até ele solicitar ajuda. (Bibliotecário 298, 26, fem., 2005)

usuários, que fizeram listas enormes de atributos e qualidades que deveríamos ter, que estão todas embutidas nos três eixos da competência (conhecimentos, habilidades e atitudes): agilidade mental, habilidade para pesquisar, curiosidade, sensibilidade, saber sobre a área da Tecnologia da Informação.

No que se refere ao fato de os bibliotecários serem reconhecidos socialmente, a maior parte respondeu que não, e associam essa

desvalorização ao desconhecimento da profissão, pois consideram que, na verdade, os bibliotecários são desvalorizados como profissionais e fazem muitas críticas aos demais bibliotecários.

Em alguns depoimentos, essa situação pode ser vista, como o último citado: "O bibliotecário antes de qualquer coisa precisa saber localizar, recuperar, tratar, disponibilizar e disseminar a informação, independente do suporte e do usuário. Ele precisa saber o que é Biblioteconomia, porque e para quê ela existe, porque ele 'é' bibliotecário, porque alguém vai até ele solicitar ajuda".

Valorização profissional - depoimentos

- Totalmente desvalorizado. Sempre foi assim. Pensei que havia melhorado após a popularização da Internet, que é uma grande biblioteca desorganizada com recursos de busca limitadíssimos, mas o relato dos estagiários e recém-formados com os quais tenho contato me provam que continuamos desvalorizados, ainda ouvindo aquela clássica pergunta: "E Biblioteconomia precisa fazer curso superior?" (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

- Depende da visão sobre o que é ser reconhecido socialmente. Um médico é reconhecido socialmente? Um advogado é reconhecido? Um professor/educador é reconhecido socialmente? Um gari é reconhecido socialmente? Bem, a saúde/vida das pessoas depende do médico, a liberdade depende do advogado e a educação, depende de quem? E a limpeza das praças e ruas? Alguém lembra que esses profissionais existem? A educação não é valorizada e os trabalhos "braçais" são "invisíveis" para grande parte da sociedade. O que eu percebo é que existe uma alteração de valores, o "socialmente" é muitas vezes confundido com "monetariamente". Um bancário é mais reconhecido do que um professor, no entanto não acredito que seja mais importante. (Bibliotecário 298, 26, fem., 2005)

- Acredito que já foi pior. Atualmente o bibliotecário tem mais espaço no mercado de trabalho. No entanto, ele ainda é relacionado a um profissional burocrático, apático e etc. Culpa dos próprios bibliotecários (não todos, claro) que não atuam de maneira a mudar esse quadro. (Bibliotecário 112, 29, fem., 2003)

Cito outro depoimento:

"Totalmente desvalorizado. Sempre foi assim. Pensei que havia melhorado após a popularização da Internet, que é uma grande biblioteca desorganizada com recursos de busca

limitadíssimos, mas o relato dos estagiários e recém-formados com os quais tenho contato provam-me que continuamos desvalorizados, ainda ouvindo aquela clássica pergunta: 'E Biblioteconomia precisa fazer curso superior?'"

Na dimensão relacionada à Biblioteconomia, foi perguntado se deveria haver ampliação da reserva de mercado, visto que a lei é clara e está relacionada apenas com biblioteca. Os dados

-Dimensões

► Biblioteconomia (dados quantitativos): Parte B (15 a 21)

- ✓ ampliação de reserva de mercado: 82,4% concordam
- ✓ biblioteca é o principal segmento de atuação: 61,4% concordam
- ✓ atendimento a usuários é maior característica da profissão: 6,2% (entre + e -. Maior grupo concorda)
- ✓ percepção de possibilidade assumir gerência em diferentes espaços: 71,8% discordam
- ✓ pessoal de tecnologia mais indicado para gestão do conhecimento: 84,3% discordam
- ✓ TI diminui a importância da profissão: 93,5% discordam

quantitativos demonstraram que 82,4% consideram que deveria ser ampliada. Foi perguntado também se a biblioteca é o principal segmento de atuação, ao que 61% concordam; se o atendimento ao usuário é a maior característica da profissão, ponto em que houve uma diferença de 6,2% entre aqueles que concordam, que foi o maior grupo; se há percepção de possibilidade de assumir gerência de diferentes espaços, ao que 71% discordam pelo fato de não perceberem outros espaços de atuação e crescimento profissional que não ancorados na instituição biblioteca; se o pessoal de tecnologia seria mais indicado para a gestão do conhecimento, ao que 84% discordam; e se a tecnologia da informação fez diminuir a importância da profissão, levando 93% a discordar.

- Dimensões

➤ Biblioteconomia (dados qualitativos):

- ✓ 1. Exercício de pós-graduados
- ✓ 2. Elementos de destaque na profissão



Na parte qualitativa foi questionado se existem atualmente componentes como: profissionais pós-graduados em Ciência da Informação que reivindicam a atuação nos espaços do bibliotecário. É uma

luta que ainda não é forte, mas crescerá, porque nos cursos de Ciência da Informação não há uma maioria de bibliotecários, mas o contrário.

O posicionamento que existe é muito equilibrado, pois muitos fizeram uma defesa da profissão de forma bastante apaixonada e interessante e disseram que se forem atuar naquilo que se formaram no curso de pós-graduação sem problema algum. Agora, fizeram mais críticas aos bibliotecários, dizendo que se os bibliotecários não forem atrás, não procurarem seus espaços, alguém os ocupará, além de terem falado muito sobre a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, mas também foram colocadas descrenças nas motivações das pessoas.

Sobre os elementos de destaque na profissão, os mais indicados foram a organização da informação e o atendimento aos usuários, o que é algo muito forte para os bibliotecários, além das pesquisas e outras respostas foram relacionadas ao baixo reconhecimento, a crítica quanto à formação e aos bibliotecários.

O último depoimento sobre os elementos de destaque diz o seguinte: "Particularmente sinto que existe muita confusão em relação ao papel atual do bibliotecário. As inovações tecnológicas avançam rapidamente

sem que tenhamos tempo para nos situar. Ao mesmo tempo, trabalhamos em instituições onde as chefias (bibliotecárias), já perto ou aposentadas, travam nossas iniciativas de buscar atualização e inovações".

Foi observado, o tempo inteiro, que o problema das bibliotecárias velhas é repisado.

Elementos de destaque da profissão - depoimentos

- Acho que a decodificação do conhecimento deveria ser o foco principal na atuação do bibliotecário. São importantíssimas as atividades de coleta, registro e disponibilização da informação, porém, acho que o erro da classe é focar-se apenas na informação registrada e publicada. Penso que se nos desprendêssemos das "coleções" e "estantes" e partíssemos para o incentivo à produção intelectual, e promoção do registro do conhecimento, seríamos muito mais reconhecidos profissionalmente. (Bibliotecário 210, 36, fem., 1995)

- Gostaria de confidenciar que fui surpreendido com a Biblioteconomia, pois ao ingressar no curso não tinha idéia de quanto esta é uma profissão privilegiada. Digo isso pelo fato de que o Bibliotecário participa de um processo que para mim é o mais importante da vida de uma pessoa, a educação. Não que o Bibliotecário seja um educador, mas contribui de maneira efetiva para isso, e mesmo atuando fora de uma Biblioteca, dentro de empresas, hospitais e etc, seu papel não muda, que é sempre tornar as informações mais disponíveis. (Bibliotecário 221, 23, masc., 2004)

- Particularmente sinto que existe muita confusão em relação ao papel atual do bibliotecário. As inovações tecnológicas avançam rapidamente sem que tenhamos tempo para nos situar. Ao mesmo tempo, trabalhamos em instituições onde as chefias (bibliotecárias), já perto ou aposentadas, travam nossas iniciativas de buscar atualização e inovações. (Bibliotecário 395, 41, fem., 1998)

-Dimensões

➤ Mercado e TI (dados quantitativos): Parte C (24 a 35)

- ✓ gerência de biblioteca deve ser responsabilidade dos bibliotecários : 81,9% concordam
- ✓ papel principal suporte de trabalho: 80% discordam
- ✓ atendimento presencial dos usuários é maioria dos casos: 70,1% concordam
- ✓ TI diminui a importância da mediação de informação: 82,3% discordam
- ✓ atendimento a usuários mais valorizado que processamento técnico: 69,4% concordam
- ✓ percepção da importância do próprio trabalho para a organização: 96,1% concordam
- ✓ atividades rotineiras: 7,6% com maior parte discordando

parece mostrar que nas nossas organizações as outras mídias têm entrado

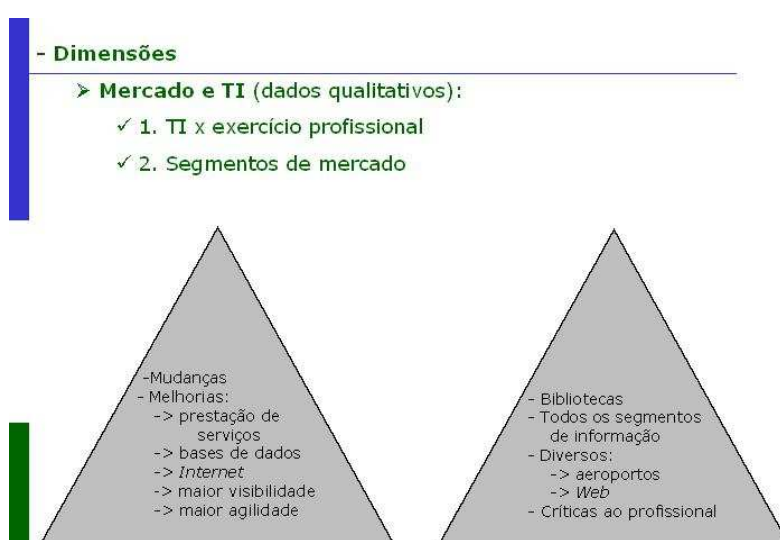
Foi perguntado quanto ao mercado de trabalho: se a gerência de biblioteca deve ser de responsabilidade dos bibliotecários, com o que 81% concordam; se o papel é o principal suporte de trabalho, ao que 80% discordam, o que

com bastante força em termos de organização, tratamento e recuperação da informação; se o atendimento preferencial ainda é a maioria dos casos; se a Tecnologia da Informação diminuiu a importância da mediação de informação, ao que 82,3% discordam; se o atendimento ao usuário é mais valorizado do que o processamento – briga que é antiga –, ao que 69% concordam; se há a percepção da importância do próprio trabalho para a organização, ao que 96% concordam, o que é interessante.

Os bibliotecários têm consciência de que o trabalho que realizam causa impacto sobre a missão da organização e sobre os resultados que quer atingir.

Também foi perguntado se as atividades que os bibliotecários realizam são rotineiras: existe uma diferença de 7% entre os que consideram sim e os que não concordam com tal afirmação, mas a maior parte discorda. Ao observarmos a literatura moderna, o profissional da informação é aquele que consegue perceber nas atividades que realiza potenciais formas de atuação.

Em relação aos dados qualitativos, foi perguntado se as tecnologias tiveram algum impacto ou fizeram alguma diferença no trabalho que os bibliotecários realizam. A maioria reconhece que houve mudanças e melhorias,



especialmente, na prestação de serviços, nas bases de dados, na internet, além de uma maior oferta de produtos e serviços, o que deu maior visibilidade e maior agilidade ao trabalho feito nas organizações.

No segmento de mercado, os nossos modelos ainda são fortemente ancorados na organização da biblioteca, mas também indicaram todos os segmentos onde há necessidade de informação, citando como exemplo os

aeroportos e webs. Mas não deixaram também de fazer mais críticas ao bibliotecário, o que nos deixa um pouco deprimidos em alguns momentos.

TI e exercício profissional - depoimentos

- Acredito que tenha transformado a forma de trabalhar, oferecendo inclusive novos nichos para atuação. (Bibliotecário 178, 49, fem., 1984)

- A tecnologia da informação revolucionou o trabalho do bibliotecário. Isso ajudou até a romper com os estereótipos. Com os softwares, Internet, bases de dados, o trabalho do bibliotecário rompeu fronteiras, se expandiu. (Bibliotecário 90, 27, fem., 2001)

- Para mim não houve mudanças pois não vou ao campo melhorar. (Bibliotecário 184, 50, fem., 1983)

- É uma ameaça aos bibliotecários e às bibliotecas, porque vai acabar o papel. (Bibliotecário 375, 35, masc., 1998)

Os dois últimos depoimentos relativos à Tecnologia da Informação e exercício profissional dizem: "Para mim não houve mudanças pois não vou ao campo melhorar". Diz o último depoimento: "É uma ameaça aos

bibliotecários e às bibliotecas, porque vai acabar o papel". Esperávamos que essa resposta fosse de uma de uma mulher velha e de óculos, mas vejamos que foi de um rapaz de 35 anos.

Na parte relacionada à formação profissional, perguntamos se os professores eram comprometidos com a qualidade do ensino, com o que 74% concordam; se eles influenciaram na imagem do curso, com

-Dimensões

➤ Formação profissional (dados quantitativos): Parte D (38 a 48)

- ✓ professores comprometidos: 74,3% concordam
- ✓ professores influenciaram na imagem do curso: 65,2% concordam
- ✓ conhecimentos adquiridos são inúteis fora da área: 89,4% discordam
- ✓ disciplinas têm relação com a realidade de atuação profissional: 72,2% concordam
- ✓ pela formação que recebem as bibliotecas são as mais indicadas para atuarem: 62,7% concordam
- ✓ TI x organização de conteúdos x formação humanista

o que 65% concordam; se os conhecimentos adquiridos são inúteis fora da área, com o que 89% discordam – no entanto, não se percebe a possibilidade de ocupação de outros espaços ou não há atuação nesse sentido –; se as disciplinas têm relação com a realidade de atuação profissional, com o que 72% concordam; se, pela formação que recebem, as bibliotecas são as mais indicadas para atuarem, com o que 62% concordam; se quanto às tecnologias e a organização de conteúdos era

mais importante os alunos aprenderem a desenvolver sistemas ou organizarem conteúdos, entenderam que é mais importante um bibliotecário aprender organizar e tratar conteúdos do que ficar desenvolvendo sistema, o que seria papel do pessoal da área de tecnologia.

- Dimensões

➤ Formação profissional (dados qualitativos):

- ✓ 1. Disciplinas
- ✓ 2. Entidades representativas

- TI
- Formação geral:
 - > humanista
 - > direito
 - > sociologia etc.
- Gestão e gerência
- Biblioteconomia:
 - > técnicas
 - > atendimento ao usuário
- Empreendedorismo
- Liderança
- Críticas ao comportamento e atitude dos bibliotecários

- Maior parte considera que não influenciam
- Muitas e variadas críticas a todos os organismos, especialmente o Conselho

Quanto à necessidade de reforçar a formação humanista, alguns depoimentos de professores são relacionados a alunos que ingressam nos cursos sem vocação ou com uma formação deficiente e que,

infelizmente, a despeito de todas as possibilidades que a universidade lhes oferece, não buscam melhorar seu aprendizado.

As disciplinas que deveriam ser incluídas nos cursos seriam de forma a treinar os bibliotecários com ferramentas mais modernas, pois a área da Tecnologia da Informação e Comunicação figurou-se como a mais indicada.

Mas é bom lembrar a idade dos pesquisados, pois sou da geração pré-histórica da Biblioteconomia, da época em que não existia computador. O máximo de sonho de consumo que tínhamos era o de uma máquina que duplicava a ficha, de forma que quem era muito moderno possuía tal máquina. A maioria dos pesquisados está na faixa etária dos 40 aos 49 anos de idade; portanto, a tecnologia é fator ainda muito forte.

Imaginemos, daqui a dez anos, os profissionais que estarão se formando agora, em que o dedo é uma extensão do teclado do computador, como serão esses bibliotecários e qual opinião terão sobre esse tema. É importante fazermos esse acompanhamento para que o curso se mantenha moderno e consoante com o que o mercado requer.

A formação geral é de humanista e de Direito. A formação humanista, em geral, foi muito demandada, mas também houve a gestão e gerência, a Biblioteconomia, com técnicas e atendimento ao usuário, além do empreendedorismo, da liderança, e mais críticas ao comportamento e atitudes dos bibliotecários, afirmando que os currículos seriam bons e o problema somos nós.

Foi perguntado se as entidades representativas contribuem para a formação da nossa imagem profissional, com o que a maior parte considera que não influenciam na construção dessa imagem e foram realizadas muitas, variadas e pesadíssimas críticas, especialmente, aos conselhos regional e federal e aos sindicatos e associações.

Faço um parêntese: é importante lembrar que os conselhos, as associações e os sindicatos são formados por nós, mas a culpa sempre é do outro. A Professora Jane **Smith** escreveu um texto muito interessante, no qual diz que quando encontramos um culpado externo ficamos satisfeitos. É isso o que geralmente acontece, a culpa é de quem está no conselho, não é minha.

O questionário também abordou a sobre a participação em eventos.

➤ Participação em eventos:

- ✓ CBBB
- ✓ SNBU
- ✓ Relatos de dificuldades ou desestímulo

Houve o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e

➤ Espaço aberto

✓ A maioria dos profissionais ainda é do sexo feminino, tem uma atitude maternal, infantil e submissa no trabalho que influencia os seus produtos, que tende ao público geral e à informação genérica, não sabe o valor que tem e quão fundamental pode ser o seu trabalho para o avanço do conhecimento em qualquer instituição. (Bibliotecário 417, 44, fem., 1985)

✓ Podemos fazer mais, sermos mais, nos doarmos mais ao outro, buscar o crescimento pessoal e profissional, eu acredito que o livro transforma um cidadão e me sinto feliz pois faço minha parte com paixão! (Bibliotecário 159, 43, fem., 1987)

Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), que foram os mais relacionados com a área. Relembro, então, que a maioria dos bibliotecários participantes da pesquisa era de bibliotecas universitárias e especializadas. Foram feitos relatos de dificuldades e de desestímulos, nos quais foram ditos que não participavam de eventos pelo fato de não adiantar em nada.

► Espaço aberto

✓ O grande problema do bibliotecário é exatamente a acomodação. Os bibliotecários não querem lidar com a concorrência de outros profissionais, ficam se fiando na reserva de mercado garantida por lei, e acabam perdendo terreno profissional. Não se preocupam com a concorrência de seus pares, porque seus pares são tão acomodados que se contentam com o que tem. O fato de nosso grande empregador ser o serviço público e o servidor público gozar de estabilidade é um fator que contribui para a acomodação. A classe vive reclamando que não é reconhecida e ao mesmo tempo não se une e não produz o que é capaz. Fica fazendo pouco e tentando passar despercebida. Quando deveria ser exatamente o contrário. A classe reclama de salário e não se propõe a fazer um curso qualquer, a participar de um evento na área. Estão sempre muito ocupados para procurar o engrandecimento profissional. (Bibliotecário 215, 46, fem., 1981)

✓ No meu dia-a-dia tento atender e prestar um serviço de excelência para me fazer respeitar pelos usuários, nos seus diversos perfis e exigências, e ser respeitada como uma profissional plena, e não como mais uma burocrata. Lidar com pessoas não é uma tarefa fácil, mas penso que dessa forma estarei contribuindo para a mudança no inconsciente coletivo da sociedade. Não há nada mais gratificante do que você ver que o material que você catalogou, classificou, indexou está na mão do usuário; bem como, o agradecimento do usuário dizendo que a informação/dica/fonte que você indicou foi de grande ajuda para o seu trabalho. Mesmo sendo uma profissão não desejada pela minha família, acredito que acertei na escolha e não me vejo fazendo outra coisa. (Bibliotecário 175, 36, fem., 2004)

o crescimento pessoal e profissional, eu acredito que o livro transforma um cidadão e me sinto feliz pois faço minha parte com paixão!”

Cito outro depoimento: “O grande problema do bibliotecário é exatamente a acomodação. Os bibliotecários não querem lidar com a concorrência de outros profissionais, ficam se fiando na reserva de mercado garantida por lei, e acabam perdendo terreno profissional. Não se preocupam com a concorrência de seus pares, porque seus pares são tão acomodados que se contentam com o que tem. O fato de nosso grande empregador ser o serviço público e o servidor público gozar de estabilidade é um fator que contribui para a acomodação. A classe vive reclamando que não é reconhecida e ao mesmo tempo não se une e não produz o que é capaz. Fica fazendo pouco e tentando passar despercebida. Quando deveria ser exatamente o contrário. A classe reclama de salário e não se propõe a fazer um curso qualquer, a participar de um evento na área. Estão sempre muito ocupados para procurar o engrandecimento profissional”.

As representações profissionais dos docentes englobaram outra parte da pesquisa, em que foi utilizado como instrumento

Na parte relacionada ao espaço aberto, as pessoas tinham liberdade para falar o que quisessem como se pode verificar no seguinte depoimento: “Podemos fazer mais, sermos mais, nos doarmos mais ao outro, buscar

5 Pesquisa: alguns resultados (cont.)

5.2 As representações profissionais dos docentes

■ Instrumentos de coleta de dados

- Entrevista: professores
 - pessoalmente (gravação)
 - amostra intencional

■ Tratamento dos dados

- qualitativos: análise de conteúdo (Laurence Bardin)

a pesquisa com uma amostra intencional, e o tratamento dos dados foi feita por meio da análise de conteúdos de Laurence Bardin.

A pretensão era a de que não atuassem na pesquisa como profissional da informação, porque seriam pessoas naturalmente sensibilizadas pelo tema e que teriam que dar aula na graduação.

Docentes

➤ Caracterização do grupo da pesquisa:

- ✓ amostra intencional: único parâmetro -> não atuar em pesquisa sobre o profissional da informação/bibliotecário
- ✓ 6 professores, 5 entrevistas gravadas, 1 por email
- ✓ 4 sexo feminino, 2 sexo masculino
- ✓ média de idade: 49 anos
- ✓ 5 doutores, 1 doutorado em andamento
- ✓ média de tempo de docência: 11 anos
- ✓ 4 com graduação em Biblioteconomia, 2 outros cursos

O grupo foi composto por 6 professores, 4 do sexo feminino e 2 do masculino com uma idade média de 49 anos, além de 5 doutores e 1 doutorado em andamento, com uma média de tempo de docência de 11

anos, e, também, com 4 em graduação em Biblioteconomia e 2 em outros cursos, que não são bibliotecários e manifestaram a preocupação em não distorcer os resultados da minha pesquisa.

Da mesma maneira, também demonstraram o desconforto ao tratar de temas como a legislação profissional e a auto-imagem pelo fato de não serem bibliotecários. Ora, se estão no departamento, formando bibliotecários, têm que se sentir, no mínimo, à vontade para falar sobre o assunto. É um fator que deve ser ponderado no momento em que são analisadas as características do curso, pois todos os cursos, hoje em dia, possuem não apenas bibliotecários, mas não estou dizendo que seja algo bom ou ruim, pois o fato é que existe algum desconforto por parte dos não bibliotecários para tratar de alguns temas.

Sobre valores, atitudes e identidade, e exercício profissional, a maioria dos pesquisados disse que não são abordados no curso, mas que, eventualmente, quando algum aluno levanta a questão passa a ser discutida. Há o depoimento de um professor que, na verdade, diz que o

balizador do sucesso profissional vai depender da atitude, e voltamos recorrentemente à questão da atitude.

No que se refere à organização das disciplinas, perguntei se existia alguma articulação, se as pessoas são ensinadas e se, quando fazem tratamento da informação, causam impacto na sua recuperação. Uma

- Docentes:

➤ **Formação profissional:**

✓ abordagem adotada: valores, atitudes, identidade, exercício profissional

✓ O balizador do sucesso profissional bibliotecário sempre será o desempenho, insisto muito nisso, os estereótipos não existem por acaso, reproduzem atitudes de sala de aula, alunos sem iniciativa, desinteressados, incultos, certamente serão profissionais pouco valorizados. (Professor A)

➤ **Organização das disciplinas:**

✓ articulação das disciplinas nos cursos

professora disse, que não. Então, o curso é estanque e existem profissionais estanques. Quem faz tratamento preocupa com tratamento, quem faz recuperação preocupa com recuperação. E seja o que Deus quiser. Nos cursos, acontece da mesma forma, pois não é ensinado, e há relatos de professores de que alguns alunos chegam até eles e dizem que tiveram uma única disciplina com dois professores. Não há articulação entre as disciplinas, e essa forma, segundo uma das professoras, reflete-se no exercício profissional, porque não conseguimos perceber que um dos fatores bonito do ciclo documentário é a inter-dependência entre as ações, pois uma boa seleção garantirá uma excelente recuperação se o tratamento for bem feito. A retroalimentação das pessoas que atuam com a recuperação é algo também importante para o profissional que realiza seleção e o tratamento da informação.

- Docentes:

➤ **Mercado de trabalho:**

✓ segmentos potenciais de atuação

➤ **Influências percebidas:**

✓ escola, local de trabalho, atividade

➤ **Reconhecimento social**

✓ percepção do docente sobre o reconhecimento social da profissão

✓ Eu acredito que hoje desde o final do século, as pessoas têm mais noção do que é ter um bibliotecário, do que é ter uma biblioteca organizada, de usar recursos da Internet que podem facilitar se ele conhecer algumas estratégias. Aos poucos as pessoas vão reconhecendo isso. (Professor D)

➤ **Pós-graduação em Ciência da Informação**

✓ exercício dos pós-graduados em Ciência da Informação

Sobre os segmentos potenciais de atuação, os professores reconhecem que os cursos ainda formam bibliotecários para

trabalhar em bibliotecas tradicionais, mas percebem que a escola, o local de trabalho e a atividade influenciam na imagem profissional dos bibliotecários.

Quanto ao reconhecimento social, os professores, de modo geral, não consideram que os bibliotecários são reconhecidos socialmente, mas acreditam que tem melhorado, especialmente com uma maior visibilidade das unidades de informação desde o advento da internet, da disponibilização dos catálogos e dos serviços que temos constantemente colocado à disposição dos usuários.

Um professor deu um depoimento, dizendo que prefere ser conhecido como professor que como bibliotecário. O quanto esse professor consegue não passar isso para os alunos é outra história, mas se os próprios professores não têm orgulho de ser, fica difícil reconstruir a profissão.

Se os pós-graduados em Ciência da Informação devem ou não atuar nessa esfera, os professores consideram uma outra arena de discussão. Quem tem de discutir sobre tal situação são os conselhos e as associações profissionais, que precisam formar pessoal qualificado, o que até é uma posição equilibrada e correta sobre o aspecto da visão.

Finalmente, os dados da pesquisa não podem ser generalizados para a população de bibliotecários existente no País, porque não foi uma amostra probabilística, mas são inferências e indicadores. Não há

6 Resultados e Conclusões

➤ Dados não conclusivos -> inferências

✓ não necessariamente há expressão de escala de valores positivos ou negativos (docentes e bibliotecários)

✓ para esse grupo de pesquisa:

- bibliotecários são acomodados, resistentes a mudanças, há estereótipos associados, tendem a ser prestativos no atendimento
- profissão não é valorizada, TIC foram incorporadas mas percebem necessidade de treinamento
- educação continuada em 50% dos casos
- não houve destaque com relação às atividades

-> atendimento e organização da informação

- segundo os docentes o ingresso no curso tem pouca relação com vocação profissional e a pouca articulação entre as disciplinas reflete-se no modo de exercer a profissão

necessariamente uma expressão de escala de valores, se é positiva ou negativa, se a imagem é positiva ou negativa, pois se mostra positiva em alguns momentos e negativa em outros, tanto para os docentes quanto

para os bibliotecários, mas para o grupo que se envolveu na pesquisa, os bibliotecários são acomodados e resistentes a mudanças, e há estereótipos associados, tendem a ser prestativos no atendimento, apesar de a profissão não ser valorizada, e a Tecnologia da Informação e Comunicação terem sido incorporadas, mas percebem a necessidade de treinamento.

Houve a questão da educação continuada em 50% dos casos, mas não houve destaque em relação às atividades que são mais representativas da categoria, apesar de ter sido levantado que o atendimento e organização da informação são as mais evidentes para os bibliotecários que respondem pelo maior número de pessoas em atuação.

Segundo os docentes, o ingresso no curso tem pouca relação com a vocação profissional e há pouca articulação entre as disciplinas que se refletem no modo de exercer a profissão, que é uma forma segmentada e sem fluidez entre todas as atividades.

6 Resultados e Conclusões (cont.)

- Conclusão geral

- A teoria das representações sociais explica o fenômeno de expressão dos bibliotecários e docentes sobre a profissão, pois percebe-se eixos comuns de pensamentos e de manifestações.
- As representações parecem ter sido construídas por intermédio de informações que os indivíduos recebem diretamente desde a fase de escolha da carreira, passando pela escola, pelos estágios, pela relação com as organizações representativas da categoria e pela literatura técnica da área.
- Os bibliotecários identificaram como organização da informação e atendimento os grandes segmentos que caracterizam a profissão.
- As TIC representaram uma ruptura no pensamento da categoria e estão originando novas representações para os bibliotecários, assim como os pós-graduados em CI sem graduação em Biblioteconomia.

Essa teoria explica o fenômeno da expressão dos bibliotecários, porque existe um senso e uma manifestação comum do que as pessoas discursam sobre o ser bibliotecário, sobre a sua imagem, sobre como se comporta em

termos de exercício profissional.

Essas representações parecem ter sido construídas por intermédio de informações que os indivíduos recebem diretamente, desde a fase de escolha da carreira, pelo contato com outros profissionais, o que dá a cada um de nós a noção dessa importância, de como é, de como as pessoas percebem e de como o outro vai perceber o profissional, passando pela escola, estágios, relação com as organizações

representativas da categoria e pela literatura técnica da área, que não nos é muito favorável.

Os bibliotecários identificaram a organização da informação e o atendimento como os grandes segmentos que caracterizam a profissão.

As tecnologias representaram uma ruptura no nosso pensamento e estão originando novas representações, pois ainda temos modelos mentais muito vinculados e fortemente ancorados na parte manual. Ainda realizamos tratamento da informação como se utilizássemos catálogo sistemático.

Um professor, por exemplo, falou que as bibliotecas digitais ainda não deslancharam, porque não sabemos ensinar, não se pode ensinar aquilo que não se sabe. Então, ainda estão sendo formados para poder formar pessoal para trabalhar com as novas tecnologias.

Percebe-se uma unidade de pensamento na avaliação dos profissionais sobre seus pares, sobre o mercado, sobre a formação profissional. Valores, identidade e estereótipos encontram suas raízes nesse senso comum compartilhado pelos bibliotecários.

6 Resultados e Conclusões (cont.)

- Conclusão geral

➤ Percebeu-se unidade de pensamento na avaliação dos bibliotecários sobre seus pares, sobre o mercado, sobre formação profissional.

➤ Valores, identidade e estereótipos encontram suas raízes no senso comum compartilhado pelos bibliotecários.

➤ Os profissionais desta pesquisa manifestaram orgulho de se apresentarem como bibliotecários e sugeririam a carreira para outras pessoas.

Pode parecer absurdo, mas entendo que o bibliotecário, uma vez assumindo sua formação acadêmica, passa a exercer sua profissão por onde passa e com o que estiver fazendo, seja pela organização dos dados para recuperação por seus colegas, seja pelo repasse de informações importantes para as pessoas que delas necessitam. Então, dentro ou fora de uma biblioteca, sou bibliotecária! (Bibliotecário 286, 40, fem., 1997)

Ao lermos sobre os valores, sabemos que não é algo relacionado ao Brasil, mas é recorrente na literatura internacional, pois os valores dos bibliotecários são muito semelhantes: acessibilidade, democratização, proteger o usuário, fornecendo-lhe o melhor tipo de informação possível.

Os profissionais dessa pesquisa manifestaram orgulho de se apresentarem como bibliotecários e sugeririam a carreira para outras pessoas.

Como o meu objetivo era ouvir as pessoas, finalizo com a voz de uma das bibliotecárias em seu depoimento: “Pode parecer absurdo, mas entendo que o bibliotecário, uma vez assumindo sua formação acadêmica, passa a exercer sua profissão por onde passa e com o que estiver fazendo, seja pela organização dos dados para recuperação por seus colegas, seja pelo repasse de informações importantes para as pessoas que delas necessitam. Então, dentro ou fora de uma biblioteca, sou bibliotecária!”

Muito obrigada!!!!

Muito obrigada!

Maria Tereza Machado Teles Walter
mariat@stf.jus.br
terezaw@gmail.com

Tese: **Bibliotecários no Brasil**: representações da profissão
Disponível em meio eletrônico na BDTD e na UnB

CONSIDERAÇÕES GERAIS

CRISTIAN JOSÉ OLIVEIRA SANTOS

Senhora Maria Tereza, agradecemos a sua fala que é extremamente pertinente para a missão do projeto Bibliotemas, porque partimos de uma variável, talvez a mais importante no processo de “complexizar”, digamos assim, a práxis da biblioteca, que é a figura do bibliotecário, que é se refere aos recursos humanos.

Fiquei impressionado com os dados, mesmo não sendo amostras probabilísticas, ao levarmos em consideração que 82% dos bibliotecários pesquisados têm uma percepção de acomodação dos pares, que é exatamente um reflexo dele mesmo ou da própria entidade em que trabalha e, evidentemente, reflete diretamente nos produtos e serviços que são oferecidos pela entidade, ou seja, bibliotecários acomodados, produtos e serviços medíocres, o que é óbvio. Então, podemos fazer essa afirmação com muita clareza, mesmo que sejam inferências.

Outro aspecto interessante é o de que 96,1% dos bibliotecários vislumbram a importância do seu trabalho para as entidades. Ora, como é possível que o trabalho dele seja relevante para a entidade, se 83% dos profissionais são acomodados? Há dados nessas informações muito interessantes e relevantes.

Outra questão interessante é a de que essa acomodação manifesta-se de forma muito prática, e a Sra. Maria Tereza menciona a literatura referente à Ciência da Informação em que há questões muito práticas como o do descuido com a terminologia.

Recentemente, ocorreu um debate acalorado ao se discutir termos básicos como o que são diretrizes e o que é uma política de indexação. Algo muito pontual e que deveria ser muito claro e evidente. O que é uma unidade de informação e o que é um centro de documentação? Falamos de algo comum com nomes diferentes, com expressões diferentes, o que é muito complicado para uma área.

Evidentemente, a biblioteca, o museu ou o arquivo são construídos pela sua discursividade, o Derrida diz muito claramente. A

Biblioteconomia, de certo modo, ainda não pode ser destruída, porque ainda não foi construída. Afirmo que só é possível desconstruir um discurso quando já se tem um discurso muito bem solidificado, mas ainda estamos em processo de construção. Lembro que neste ano de 2008 a Ciência da Informação completa apenas 40 anos.

A Sra. Maria Tereza também mencionou um aspecto muito relevante quanto aos produtos e serviços de informação – claro que toda tentativa de generalização é muito complicada, muito complexa e, talvez, injusta –, mas os modelos ainda pautados no processo de elaboração, de confecção e de produção de serviços de informação estão vinculados a um manual. A planilha eletrônica está em outro formato, mas o processo de representação de campo é exatamente o mesmo das bibliotecárias da Universidade de Nova York, como Melvil Dewey, por exemplo, dizia que – voltando à questão da feminilidade – escolheria mulheres por serem dóceis, ou seja, ainda nem problematizamos uma planilha, muda-se o formato, mas os processos de construção e representação das informações tidas como relevantes se dão do mesmo modo.

Dentro desse processo de acomodação, poderíamos concluir que há uma negação ainda, mesmo que implícita, mesmo que inconsciente, usando uma expressão psicanalítica, da biblioteca como entidade complexa, ou seja, a biblioteca parece que ainda se nega, ou há ainda uma dificuldade em se impor como entidade complexa.

Evidentemente, que existem também dados muito positivos: quando observamos que 84% discordam em mudar de profissão, então, a profissão responde favoravelmente aos anseios do cidadão, que está a ela atrelado, o que considero bastante importante; e 85% aconselham os outros a seguirem a carreira de Biblioteconomia.

Se conseguirmos problematizar a figura do bibliotecário, poderemos começar a problematizar a práxis da nossa profissão, ou seja, os manuais, as políticas, os processos de representação, as práticas de indexação, as práticas de atendimento, as pesquisas e as bibliotecas digitais.

Conclui-se que o trabalho da Sra. Maria Teresa, de certa forma, é fundamental para que possamos abarcar outros aspectos como, no início da sua apresentação, ao se referir ao capital intelectual e outras variáveis intervenientes no processo de construção da imagem do profissional. Começando por esse ponto, podemos seguir, trilhar e desenvolver outras questões que também são pertinentes, inclusive a representação da profissão no que se refere às entidades associativas e de classe.

Gostaria de abrir o espaço para discussão.

Muito obrigado.

NAJLA BASTOS DE MELO

*Servidora do Superior Tribunal de Justiça da
da Seção de Processos Técnicos*

Senhora Maria Tereza, parabéns pela excelente palestra. Quanto à questão do profissional, pelo menos com meus pares, estamos sempre conversando para tentar entender o porquê de algumas situações serem como são e outras não, o porquê às vezes encontrar respostas e outras não.

Observei que, na pesquisa que realizou, há um dado em que professores disseram que alguns alunos chegam pouco ou não vocacionados, que não se esforçam durante o curso e que não procuram outras possibilidades que a universidade possa lhes oferecer. Talvez não tenha percebido, mas há, também, a contrapartida: os profissionais podem analisar seus professores da mesma forma, se foram bons, engajados e interessados?

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Existe um capítulo na minha tese que trata da questão da formação profissional, e em uma delas foi levantado, inclusive, que há estudos e que os bibliotecários, por exemplo, são formados como bacharéis, não possuem licenciatura, então, as pessoas que optam por seguir a carreira como docentes, na verdade, transformam-se em professores e não necessariamente têm essa vocação, mas diversos deles seguem a carreira. Algumas pesquisas realizadas, por exemplo, em Santa Catarina discutem esse assunto, indicando que os professores ainda estão em busca de uma identidade.

Estou formada há 26 anos e durante todo esse tempo escuto falar mal do bibliotecário, e sou de uma família que tem quatro bibliotecários: além de mim, duas tias já falecidas e uma prima que também atua como bibliotecária. Ao longo desses anos, pode-se até perceber um reconhecimento pessoal, mas não para a categoria em geral. Penso que o importante para a pessoa não seja apenas ter o reconhecimento, por isso tal fator foi acrescentado como componente no estudo que realizei, para

verificar como os professores atuam nesse sentido, se trabalham na construção de uma imagem positiva pró-ativa e assertiva, justamente, por causa dessa história.

Portanto, talvez, os professores também não ingressem vocacionados, porque sequer têm a cadeira de licenciatura como em outras carreiras. É um estudo que ainda precisa ser desenvolvido, pois o estudo que realizei foi apenas exploratório para um determinado grupo. Alguém que queira aprofundar-se no assunto, deverá verificar como os professores ingressam na carreira de docente.

NAJLA BASTOS DE MELO

No que se refere à docência, na sua pesquisa foi verificado que outros profissionais ocupam boa parte das vagas no curso de pós-graduação. Foi possível verificar, pelas respostas obtidas, se o profissional que está sendo formado na graduação recebe algum tipo de incentivo ou estímulo, por parte dos professores, para cursarem o curso de pós-graduação?

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Na minha tese não tratei desse aspecto, mas existe um trabalho do Professor Francisco de Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina – se não me engano, foi a sua dissertação de mestrado –, que estuda a pós-graduação no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), dizendo que, apesar de o curso ter sido criado para pós-graduar profissionais em Ciências da Informação, não queriam bibliotecários inscritos. O professor usa a seguinte expressão: “Apesar de o curso ter recebido muitos bibliotecários, conseguiu formar gente capaz”.

Na verdade, não sei se existe esse incentivo, não acompanho a vida dos cursos, especialmente em Brasília, pois não tenho condições de afirmar se existe. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) é um incentivo à pesquisa, mas não necessariamente ao ingresso em curso **stricto sensu**.

O trabalho da Professora Suzana, de 3 ou 4 anos atrás, mostra que há essa realidade, da mesma forma como a de outros professores que

entrevistei, pois falaram que o mesmo acontece em outros cursos de pós-graduação no País, em que mais de 50% das vagas não são ocupadas por bibliotecários. É algo que merece ser estudado, inclusive para saber o porquê de essas pessoas estarem escolhendo essa carreira, e quanto, de fato, estão interessadas na Ciência da Informação, além de saber o quanto estão contribuindo para a área, publicando e ampliando o espectro de pesquisas. Afinal, não é simplesmente dizer: não quero você aqui, muito obrigado. Não é isso! Ninguém pode preconizar essa situação, pois todos devem ter liberdade de escolher a carreira. Porém, ao mesmo tempo, deve haver um incentivo para os bibliotecários.

Fiz mestrado, logo depois que me formei, e nunca me arrependi por tê-lo feito, porque as oportunidades acabaram surgindo, muitas vezes, pelo fato de possuir mestrado ainda muito nova, em uma época em que quase ninguém fazia mestrado.

ADELAIDE

Servidora do Senado Federal

Concluí o meu curso de graduação em Biblioteconomia em 1976, e percebo a parte crítica que existe entre a classe de bibliotecários, principalmente a da bibliotecária, no sentido de que para apresentar um produto no mercado, demora muito tempo, talvez pela formação técnica, que a deixa muito exigente. Vejo que há um excesso de perfeccionismo, o que, talvez, esbarre um pouco no desenvolvimento da profissão.

Nesses 30 anos de formada, percebo que, como somos uma classe muito feminina, existe uma supervalorização do lado masculino. Fico impressionada como alguns conseguem ter uma projeção muito maior quando existiam colegas ao lado que poderiam assumir essa posição. É algo que vejo na representação de classe, no conselho. Pelo fato de a classe de bibliotecários ser formada, em sua maioria, por mulheres, e não ocuparem o espaço que deveriam ocupar.

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Uma das professoras que entrevistei, pode-se verificar pelo sobrenome Carvalho, disse em seu depoimento – apesar de trazer dados históricos de homens e mulheres –, que historicamente a profissão não se

desenvolve e fica emperrada porque a maioria dos profissionais é composta por mulheres, para ela a profissão só tem melhorado, porque, nos últimos anos, a Biblioteconomia tem recebido mais profissionais do sexo masculino. Então, ela fez essa associação, pois muitas pessoas não conseguem associar, por exemplo, a melhoria da visão e da imagem com a questão da tecnologia. É algo interessante, porque é um contra-senso, nunca deixamos de negar a tecnologia, utilizando-a como suporte o tempo inteiro, adaptamo-nos com dificuldades, pois ninguém teve formação na área de TI, a não ser os muito jovens que tiveram essa formação, mas nós aprendemos e não nos foi exigido todo um perfeccionismo.

Ninguém liga se falarem mal do bibliotecário, mas alguém dos presentes conhece algum relato publicado em alguma revista sobre sistema ou proposta de sistema de informação que não tenha funcionado? Ninguém denuncia, o que é um erro, porque poderíamos aprender com os erros. Se você investiu em algo e viu que foi um erro, deveria comunicar. A UnB fez o mesmo durante anos, tentando utilizar o sistema de automação de biblioteca, que não funcionou. Mas não houve relato desse fato: a tecnologia é uma resposta muito positiva, porque ninguém relata fracasso. Quer gasto maior do que há na área da tecnologia? Acontece que o pessoal da área de tecnologia possui um discurso muito forte e consegue manter-se sempre à frente como se fosse a solução: eles são os caras.

O fato de o profissional ser mulher e assertiva fará que seja considerada agressiva e chamada de solteirona. É assim, porque é mulher. Se a mulher é firme em sua posição, existe uma grande dificuldade, porque ninguém espera que uma mulher seja firme, não é um comportamento esperado. Trata-se de uma questão histórica que já evoluiu bastante.

Na época em que me formei, todos os grandes cargos eram assumidos dos por homens, como, por exemplo, o de diretor da biblioteca da UnB, que era dirigido por homens. No ano em que me formei, não havia um colega do sexo masculino, mas é algo que tem a ver com o nosso comportamento e, talvez, com a nossa característica de formação.

Não vejo, por exemplo, nenhuma mãe empenhar-se para que seu filho lave o prato após o almoço, contrariamente, as filhas mulheres é que os lavam. Nas mínimas atitudes, esse fato é evidenciado: de um lado, as mulheres ganham boneca, de outro, os homens ganham carrinhos, modelos de construção. Quem presenteia uma menina com castelinho para construção? Ninguém a presenteia com blocos de construção, mas é presenteada com cozinha. Se uma menina gosta de futebol todos ficam preocupados, pois são treinadas para serem dóceis, sensíveis, educadas e delicadas. Mas algumas conseguem pular essa fase, pois é legítimo uma mulher aspirar assumir algum cargo. Por que não?

NEIDE ALVES DIAS DE SORDI

Servidora do Conselho da Justiça Federal

Senhora Maria Tereza, creio que essa profissão tenha que ir para o divã. É muita contradição. Estou perplexa, mas, embora tenha realizado essa pesquisa, tenho visto que o resultado é o de que poucas pessoas podem atuar fora da área, desejamos ampliar a reserva de mercado, porém não queremos invadir a seara alheia.

Fico muito preocupada com a questão da gestão do conhecimento. Percebo, a cada dia, profissionais da área de Recursos Humanos e de outras áreas ingressando na área da gestão do conhecimento e, a meu ver, o bibliotecário está perdendo um grande terreno. Não temos como fazer gestão de conhecimento de forma tácita, então, se fizermos de forma explícita, esse documento se encontrará explícito em algum outro documento, o que significa gestão de documento, gestão da informação, que é o nosso forte. Foi notada alguma ampliação da reserva de mercado, embora, como percebi da pesquisa, a maioria das pessoas acreditasse que não deveria trabalhar em outras áreas?

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Na verdade, vejo que existem as duas situações. Do mesmo jeito que as pessoas acreditam que deveria haver a ampliação da reserva de mercado, por outro lado pensam que a gestão do conhecimento não é atribuição ou competência do pessoal da Tecnologia da Informação.

Relativamente, no meu modo de entender – o que foi reforçando a minha curiosidade para saber se somos, como somos, e por que somos como somos –, no momento em que estava iniciando o curso, ouvi de um professor do Departamento de Ciências da Informação e Documentação, com formação básica em Biblioteconomia, dizer que bibliotecário não sabia fazer gestão do conhecimento, o que foi dito em plenário. Realmente não sei; porém, ninguém me disse que não poderia fazer, mas posso aprender. Existe uma negação, como se não tivéssemos capacidade nem para aprender. É evidente que não nascemos sabendo.

Acredito que estejamos perdendo espaço sim, e quando me referi à sobrevivência é por esse motivo, por ainda estarmos fortemente ancorados no nosso papel de organização tradicional de informação, tradicional no sentido de uma visão tradicional de organização em tratamento de recuperação da informação, o que é dito por muitos bibliotecários. Estou usando as palavras daqueles que responderam á pesquisa, pois ainda temos um modelo fortemente ancorado em tais fatos. Estamos perdendo espaço, porque estamos tão preocupados em fazer uma base de dados perfeita, que não tenha um único erro, que esquecemos de pensar em uma maneira, talvez, um pouco mais macro.

Tenho uma irmã, que foi quem me deu apoio na área de estatística, que é muito prática, e ela sempre fala: “Trabalho bom é trabalho feito, não é trabalho perfeito, trabalho perfeito não sai”. Qual é o problema de consertar depois? Nenhum. Mas as pessoas vivem numa angústia profunda, porque não são perfeitas. E aí não fazem. Não sei se existe essa mesma situação em outras profissões, porque estudei Biblioteconomia. Poderia ter observado se o pessoal da área da Ciência da Informação possui a mesma angústia, assim como da Museologia e Arquivologia. Mas o fato é o de que penso que temos que nos preocupar com essa situação.

Ao se lavar anos para recolocar pessoal como acontece em algumas bibliotecas grandes e poderosas, como, por exemplo, as de Brasília, isso possui ou tem que ter um significado. Ao se aposentar um servidor, leva-se anos para convencer o seu empregador de que é

importante repor aquela pessoa, isso é espaço perdido. Por que não conseguimos mostrar que somos importantes? Não deve ser por discurso, porque posso sentar e falar por três horas e pronto, mas é com a prática, com o resultado e, talvez, o resultado não precise ser tão perfeito, mas que seja um.

LAILA DE MOURA DANTAS
Coordenadora da Biblioteca Digital

Estou um pouco sensibilizada com essa discussão sobre o preciosismo, ao qual somos muito apegadas, pois demoramos lançar um serviço pelo fato de sermos muito resistentes a serviços novos e sabemos, como foi observado na sua pesquisa, que é algo meio contraditório, do nosso valor, nos orgulhamos de ser bibliotecárias, mas, ao mesmo tempo, criticamos muito o outro, o que acredito estar muito ligado ao preciosismo também.

Sei da importância do trabalho tradicional que realizo, da minha seleção, minha aquisição, minha etiquetagem, minha recolocação na estante. Sabemos que são tarefas importantíssimas. Agora, não adianta querer que o meu empregador veja a importância dessa tarefa. Não adianta argumentar que não temos nem duas estantes de livros acumulados para a guarda, pois não é algo importante para ele. Temos muita resistência de moldar os serviços que já fomos treinadas para fazer, porém precisamos adaptar esses serviços de forma a que o nosso empregador perceba o nosso trabalho. Ficamos muito presos no serviço tradicional, técnico, puro e não abrimos mão de fazer uma adequação, mesmo que venhamos a pecar na catalogação, na forma de disseminar aquela informação, mas é importante pecar um pouco na teoria para que a nossa prática seja mais percebida pelo nosso empregador e pelos nossos colegas.

Por outro lado, se um colega se dispõe a fazer algo diferente, somos os primeiros a criticar, por exemplo, que não indexou de acordo com vocabulário. Então, criticamos muito qualquer iniciativa diferente que é feita com a boa intenção de se tornar mais útil e mais visível para o empregador.

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Na minha opinião, a discussão que envolve os profissionais considero interessante por conta desses fatores, pois é uma espécie de cortar a própria carne. A Sra. Neide sempre ficava brincando comigo pelo fato de sempre gostar muito de ser bibliotecária, então tenho este defeito: gosto muito de ser bibliotecária; porém, penso que essa história de buscarmos reconhecimento com discurso não funciona, porque os empregadores e as pessoas associam banco de dados, que é um referencial desenvolvido pela biblioteca, com o pessoal da área da tecnologia e não conosco, se fomos nós quem o construímos.

Não temos um bom discurso, por isso volta-se à questão da tese e da nossa formação profissional, pois não somos ensinadas a lutar politicamente, não existe esse ensinamento. Podemos começar a dar como exemplo o Centro Acadêmico (CA), que não é forte, da mesma forma em que não temos uma associação e um conselho que sejam fortes. Se alguém falar algo de um advogado, a Ordem dos Advogados do Brasil denuncia nos jornais, pois tem uma força muito grande. Por que os bibliotecários não conseguem ter essa força, porque não somos, talvez, treinados para tê-la. Nas organizações em que atuamos, temos uma profissão hermética, apesar de tudo, pois são poucas as pessoas que compreendem o que o bibliotecário faz, o que não é verdade apenas neste encontro, como é verdade também na literatura internacional mais recente, que ocorre o mesmo, pois os bibliotecários atuam de uma maneira como somente eles sabem o que fazem.

Havia uma moça muito engraçada que ganhou uma máquina de lavar roupa do marido, e continuava mal humorada. Mas disse o seguinte: "Homem é engraçado, dá uma máquina de lavar roupa para a mulher e acha que falamos: roupa pula para dentro da máquina e, depois, roupa pula para o varal". O mesmo acontece com a informação, que não pula para dentro de uma base de dados, pois existe uma pessoa que colocou aquela informação com um padrão tal que se tornou recuperável. Mas não conseguimos mostrar para as pessoas que a informação está ali pelo fato de haver um trabalho realizado por bibliotecários.

Temos que nos habituar a fazer um discurso não só nosso para nós mesmos – é importante discutirmos isso –, mas talvez precisemos ter um programa mais agressivo de *marketing* para aprender a utilizá-lo. Como se faz isso? Não sei, mas há pessoas muito capazes de fazer; há pessoas que têm perfil; e podem ser treinadas.

Uma professora de Santa Catarina disse o mesmo, ou seja, que quando vamos fazer a apresentação de um trabalho na universidade é precisamos levá-lo a sério. Temos que ser profissionais. A minha relação com as pessoas e com o usuário tem que ser profissional, pois estou aqui cumprindo um papel: estou representando a Universidade de Brasília, porque foi lá onde defendi minha tese, e o Supremo Tribunal Federal, porque sou bibliotecária dessa Instituição. Precisamos nos lembrar dos múltiplos papéis que assumimos, porque as nossas identidades, atualmente, são muito cheias de nuances. Estou aqui representando vários papéis; portanto, tenho que representar diante do meu coordenador, do secretário e, no nosso caso, do ministro, porque possuímos essa hierarquia.

Como podemos fazer para que as pessoas percebam a importância e a relevância do nosso trabalho? Não deve ser por meio de discurso, mas porque respondemos uma necessidade de informação de uma maneira eficiente. Não importa se não esteja perfeito; a perfeição é uma beleza, mas é pouquíssimo provável que alguém consiga atingi-la. Em qualquer ponto, sempre haverá falhas. Se pesquisarmos no *Commonwealth Agricultural Bureaux (CAB)*, que é uma base de dados agrícola, encontraremos erros; se formos olhar a digitalização feita pelas pessoas dos Estados Unidos, nos bancos de dados em formato *on line* é um horror, há pedaços brancos e tortos, mas não importa, está lá, recuperamos e não precisamos escrever uma carta e esperar dois anos para receber uma resposta. Então, ficamos esperando uma digitalização perfeita, um documento lindo e sem erro. Para quê? Os americanos são muito pragmáticos nesse sentido; fazem a digitalização e é isso o que importa. Penso que tenhamos que começar a rever os nossos conceitos, mas trata-se de uma posição muito pessoal, e, de acordo com o que os bibliotecários falaram, também existe a percepção de que queremos ganhar as coisas

com o discurso, mas não com práticas, e no momento em que não dá certo, muitas pessoas culpam alguém, a culpa é do outro que não entendeu o quanto sou legal.

NEIDE ALVES DIAS DE SORDI

Estou trabalhando com o pessoal da área de informática no desenvolvimento de modelo de requisitos para sistemas de processo eletrônico. Fizemos um modelo de requisitos e agora estamos trabalhando a camada de metadados. Na sexta-feira passada, proferi uma palestra no Congresso de Informática e Inovação na Gestão Pública Judiciário (Conip Jud) só para pessoas da área de TI, falando sobre o Modelo de Requisitos da Justiça Federal (MoReq-Jus) e a camada de metadados. Então, o Formato MARC está com mais de 40 anos, e o *Dublin Core* deve ter em torno de 10, a nossa profissão trabalha com metadados há 10 mil anos, desde o dia em que aprendemos a fazer referências bibliográficas.

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Porém, não possuíam esses nomes e os espertos da tecnologia passaram a chamá-los de metadados. Então, não somos espertas.

NEIDE ALVES DIAS DE SORDI

Agora, estou falando para eles que o sistema de documento eletrônico precisa da camada de metadados; porém, não sabem que todos os bibliotecários do mundo já sabem e trabalham com isso há 10 mil anos. Mas eu é quem irei contar? Faço referência ao Formato MARC ou ao *Dublin Core*, mas se acreditam que acabaram de inventar o negócio, deixo que achem, porque se for falar que se trata de algo que existe na Biblioteconomia há 40 e tantos anos, não sei se valorizarão igualmente valorizam como se tivessem sido inventados por eles.

LAILA DE MOURA DANTAS

Mas, ao mesmo tempo, você está falando como uma bibliotecária que para ajustar aquele padrão de metadados para tal material, dirão que com esse material não sabem trabalhar, pois é completamente diferente a área de atuação deles, pois não estudaram para isso.

Na semana passada, tive uma experiência relacionada a essa situação, e até comentei quando foi falado do formulário, que considerei não haver problema algum, porque o *Dublin Core* existe para nos ajudar, então, transformar um formulário em mídia papel para o meio eletrônico não há problema algum, desde que seja eficiente.

Na Câmara dos Deputados, estamos tendo a oportunidade de trabalhar com um grupo multidisciplinar, composto por economistas, por pessoas da área de informática e está sendo muito bom, além de estarmos aprendendo muito. Na semana passada, tivemos uma discussão sobre indexação, além de estarmos fazendo um trabalho relacionado a competências, pois uma servidora da área de RH mencionou que a indexação será algo para a Casa inteira, em que todos terão que indexar, portanto essa competência será dada a todos; terão que escolher outro nome, porque o pessoal não sabe o que significa indexar. Nesse momento, argumentei que todos terão que saber, pois se aprendemos indexação na área da economia, o pessoal da Casa terá que saber que na área da informação é um tipo de indexação que usamos.

Acredito que precisamos utilizar as expressões de forma correta: o *Dublin Core* utiliza metadados, que usávamos como palavras-chave, pois era a forma que fazíamos com o descrito. É um papel nosso que precisa ser fortalecido. Por que teremos que criar uma forma de a Casa entender o que é indexação ou o que é descritor? Não devemos inventar uma palavra para a nossa formação pelo fato que todos estão passando a utilizar, precisamos ser firmes nesse ponto.

Comentava com a colega Cris que tinha jurado que nunca mais discutiria sobre a formação do bibliotecário. Mas é impossível, primeiro, porque já conhecia a Sra. Maria Tereza e participei da sua pesquisa. Temos que deixar essa subserviência de lado. Temos que brigar pelo que fazemos. E observamos muitas pessoas entrando na nossa área, o que não considero que seja ruim, assim como não considero favorável a reserva de mercado, porque pode acomodar. Mas temos que brigar. Se é

o que usamos, se a indexação é usar descritores, todos terão que aprender essa nova expressão. Talvez seja mais fácil, porque a Casa vai trabalhar em função disso.

MARIA TEREZA MACHADO TELES WALTER

Existe um trabalho do Professor Ricardo Rodrigues, da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais (UFMG), no qual diz que quanto mais tivermos sistemas de informação disponíveis, mais iremos requerer padrões. Afirma ainda que é interessante que quanto mais necessário o trabalho que realizamos e aprendemos no núcleo duro da Biblioteconomia, relacionado à organização e tratamento da informação, é que tem sido colocado em xeque o papel das bibliotecas e dos bibliotecários. É mais um contra-senso, porque, na verdade, quanto mais informação se tem, mais informação organizada é necessária.

Estou lendo um livro bem interessante, intitulado *A Arte de Escrever*, em que o autor diz que uma biblioteca pequena e bem organizada é melhor do que uma biblioteca imensa sem nenhuma organização. Podemos fazer essa transposição não necessariamente na biblioteca, mas em um sistema de informação, pois a organização de uma informação é importante e fundamental.

Precisamos mostrar que temos competência para fazer isso. É dissociar, de certa forma, mas não perder essa associação, que também a considero importante, e temos competência para isso. Não fui formada para tratar livro e periódico, fui formada para tratar a informação, o curso que fiz foi com esse objetivo. Precisamos mostrar que temos competência para realizar qualquer atividade, desde que estudemos. Escolhemos ser bibliotecários, mas poderíamos ter feito qualquer outra escolha.

Qualquer pessoa pode ser qualquer coisa se tiver treinamento, se valorizar o que temos de capacidade e conseguir romper a barreira da associação do tradicional, que não é ruim e não é demérito. Considero a biblioteca como algo maravilhoso. Não é simplesmente jogar no passado que não presta, porque biblioteca é simplesmente livro e periódico. Tudo é importante, é informação organizada, e é o que temos a oferecer e temos competência para atingi-la.

ENCERRAMENTO

CRISTIAN JOSÉ OLIVEIRA SANTOS

Senhora Maria Tereza, gostaria de, mais uma vez, agradecer pela gentileza de ter comparecido a este encontro, de ter feito a abertura deste projeto, e espero que possa, em outras ocasiões, estar presente e trabalhar com outros aspectos que também são muito relevantes.

Ao falar sobre a questão da representação do bibliotecário, fez lembrar-me muito de um sociólogo francês, Pierre Bourdieu, que disse que toda profissão é resultante de anos de cristalização, e que resulta – no que chama – de capital simbólico objetivado.

Quando você entra em um hospital, sabe exatamente quem é o médico, quem é o enfermeiro, quem é o farmacêutico. Na biblioteca, tal situação não fica muito evidente, num espaço que seria nosso. Esses marcos, esses limites fronteiriços, infelizmente, estão um pouco dissolvidos, e não se apresentam.

Recentemente, estive fazendo uma pesquisa na base da *Library of Congress* e qualquer problema que surgia aparecia aquela frase clássica: procure o seu bibliotecário, no pronome possessivo, ou seja, você tem um bibliotecário, alguém que você possa recorrer, como dissesse: procure o seu médico, se tiver um caroço; procure um bibliotecário se você tem algum problema em relação à informação. Então, esse assunto é pertinente e, agora, nos permitirá entrar em questões, talvez, um pouco mais práticas.

Quero agradecer a presença de todos, e é bom deixar muito claro que o Bibliotemas não se resume apenas neste evento, é um projeto da Secretaria de Documentação do Superior Tribunal de Justiça, que, de dois em dois meses, abordará um assunto pertinente. O próximo tema, muito provavelmente, será Política de Desenvolvimento de Coleção. Vamos fazer, evidentemente, um recorte e convidar um profissional que trate, com propriedade, desse assunto, que é extremamente relevante.

Muito obrigado.